



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística

Rua Barão de Jeremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 3263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



FOCALIZAÇÃO E CLIVAGEM:
ESTUDO DE CONSTRUÇÕES CLIVADAS NO PORTUGUÊS RURAL DE
PORTUGAL

Por

PAULA VANESSA SANTOS FRANCO

SALVADOR
2007

PAULA VANESSA SANTOS FRANCO

**FOCALIZAÇÃO E CLIVAGEM:
ESTUDO DE CONSTRUÇÕES CLIVADAS NO PORTUGUÊS RURAL DE
PORTUGAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ilza Maria de Oliveira Ribeiro

Salvador
2007

Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa

F825 Franco, Paula Vanessa Santos.

Focalização e clivagem: estudo de construções clivadas no português rural de Portugal /
Paula Vanessa Santos Franco. - 2007.
100 f.

Orientadora : Profa. Dra. Ilza Maria de Oliveira Ribeiro.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2007.

1. Língua portuguesa - Português falado - Portugal - Zona Rural. 2. Língua portuguesa -
Português falado - Brasil. 3. Língua portuguesa - Dialetos. 4. Gramática gerativa.
I. Ribeiro, Ilza Maria de Oliveira. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDU - 81'27

CDD - 401.9

Este trabalho é dedicado a Sônia e Neto, meus pais queridos, pelo amor, incentivo e apoio;
e a Maria, minha avó amada, pelo exemplo de força e perseverança;

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu forças para superar os obstáculos e concluir esse trabalho;

A Prof^a. Dr.^a Ilza Ribeiro pela atenção, incentivo e orientação na elaboração desta dissertação;

A todos os colegas do mestrado pela troca de conhecimentos, força, estímulo e momentos de descontração durante todo o curso;

Aos amigos Rosemarie e Rerisson pelo companheirismo, troca de idéias, apoio e com os quais dividi minhas dúvidas e aflições durante toda essa caminhada;

Ao colega Moacir pelas reflexões e acervo bibliográfico;

A Jutamar, meu chefe, sempre disposto a colaborar com os meus horários de trabalho;

Aos meus colegas de trabalho, que fizeram com que eu acreditasse ser capaz de realizar essa tarefa;

A todos os professores, que direta ou indiretamente, participaram na minha formação acadêmica;

Aos meus pais, meu alicerce, que sempre acreditaram em meu potencial;

A Alessandro, pela paciência nos meus momentos de estresse e nervosismo e pela abdicção de horas de convivência;

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho;

Muito obrigada por se fazerem presentes nesta experiência tão importante para a minha vida nos âmbitos profissional e pessoal.

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo investigar, numa perspectiva gerativista, as estratégias de clivagem realizadas em *corpora* do Português Europeu (PE) rural, acervo do Projeto CORDIAL-SIN, bem como as opções de usos que um falante faz diante da necessidade de focalizar um elemento, apontando as diferenças sintáticas e semânticas na realização de uma ou outra construção clivada. Assume-se que por os *corpora* pesquisados resultarem de amostras de fala espontânea, é possível encontrar um número relevante de ocorrências de clivadas canônicas como já atestadas em textos do século XVII do PE, além de tipos inovadores resultantes da criatividade do falante. O suporte teórico que sustenta este trabalho retoma estudos sobre este fenômeno em português e em outras línguas. A análise desenvolvida com base nos dados extraídos dos inquéritos das variantes dialetais do PE rural, confirma a possibilidade de realização dos seguintes tipos de clivagem: clivada básica, clivada invertida, clivada-sem-cópula, clivada-dupla-cópula, pseudo-clivada básica, pseudo-clivada invertida, pseudo-clivada reduzida e pseudo-clivada extraposta. Os resultados revelam que os falantes usam com mais frequência a clivada invertida; um tipo semelhante à clivada-sem-cópula, até então considerada uma estratégia típica do português brasileiro, é também atestado em dados do PE rural. Os resultados alcançados neste trabalho contribuem para o entendimento do português falado em Portugal, visto que pouco se conhece ainda dos usos dialetais do PE, além de contribuir para trabalhos relacionados com a constituição histórica do PB, partindo do pressuposto de que é necessário conhecer a língua do colonizador, para, através de comparações, o que é uma prática da metodologia gerativista, estabelecer e justificar diferenças e semelhanças existentes na língua do colonizador em relação à língua do colonizado.

Palavras-chave: construções clivadas; fala rural de Portugal; gerativismo.

ABSTRACT

The objective of this research is to investigate, in a generativist perspective, the cleft strategies found in the rural European Portuguese (EP) corpora, which is part of the CORDIAL-SIN Project, as well as the choices a speaker makes when he/she needs to focus on a certain element, pointing out the syntactic and semantic differences in the realization of one or another cleft construction. Due to the fact that the researched corpora are results of spontaneous speech, it is assumed that it is possible to come across a relevant number of canonical cleft occurrences as it was openly attested in texts from the XVII century of the EP, and some innovating types emerged from the speaker's creativity as well. The theoretical basis of this work focus on studies of this phenomenon in Portuguese and other languages. The analysis based on the data extracted from the inquiries of dialectal variants of rural EP's confirms the possibility of realization of the following types of clefts: (it)-cleft, reverse (it)-cleft, reduced cleft, double cleft, pseudo-cleft, reverse-pseudo-cleft, reduced pseudo-cleft, extraposed pseudo-cleft. The results reveal that the speakers of rural EP use the reverse (it)-cleft more frequently; a similar kind to reduced cleft, so far considered a typical strategy of Brazilian Portuguese. The results observed in this work contribute to the understanding of the Portuguese spoken in Portugal, since the dialectal uses of EP is still very little known. It also contributes to researches related to the historical constitution of Brazilian Portuguese, departing from the perspective that it is necessary to know the colonizer's language, through comparisons, a common practice in the generativist methodology, in order to establish and justify the differences and similarities between the colonizer's and colonized country's language.

Keywords: constructions cleft; rural speech of Portugal; generativism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Distribuição das construções clivadas encontradas no português europeu rural 67

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 - Concelho e distrito aos quais pertencem as comunidades | 37 |
| Tabela 2 – Números de informantes por comunidade | 51 |
| Tabela 3 – Distribuição dos dados por comunidade | 52 |
| Tabela 4 – Distribuição das construções clivadas segundo as comunidades | 66 |
| Tabela 5 – Distribuição das construções clivadas encontradas no português europeu rural | 66 |
| Tabela 6 – Resultados de algumas pesquisas realizadas sobre clivagem em alguns dialetos portugueses | 68 |
| Tabela 7 – Distribuição dos tipos de sentenças clivadas segundo o estatuto focal | 70 |
| Tabela 8 – Distribuição dos tipos de sentenças clivadas segundo o estatuto sintático do constituinte focalizado | 76 |
| Tabela 9 – Cruzamento entre o estatuto focal e o estatuto sintático do constituinte focalizado | 78 |
| Tabela 10 – Distribuição das clivadas segundo a categoria do constituinte focalizado | 79 |
| Tabela 11 – Distribuição das clivadas segundo a presença de um outro marcador especial de foco | 82 |
| Tabela 12 – Distribuição das clivadas segundo a concordância temporal entre a cópula e o verbo da sentença encaixada | 84 |
| Tabela 13 – Distribuição das clivadas segundo a concordância numeral entre a cópula e o elemento focalizado | 87 |
| Tabela 14 – Distribuição das clivadas segundo a animacidade do termo focalizado | 89 |
| Tabela 15 – Cruzamentos dos resultados do estatuto sintático e a animacidade do constituinte focalizado | 90 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|--------------|---|
| AdjP | Sintagma Adjetival (do inglês <i>Adjective Phrase</i>) |
| AdvP | Sintagma Adverbial (do inglês <i>Adverb Phrase</i>) |
| AdvS | Sentença adverbial (do inglês <i>Adverbial Sentence</i>) |
| C | Complementizador (do inglês <i>Complementizer</i>) |
| CLIV | Clivada Básica |
| CLIV-dup-cop | Clivada Dupla Cópula |
| CLIV-inv | Clivada Invertida |
| CLIVinv-foc | Clivada Invertida Focal |
| CLIVinv-suj | Clivada Invertida Sujeito |
| CLIV-sem-cop | Clivada sem Cópula |
| Comp | Complementizador |
| CORDIAL-SIN | <i>Corpus</i> Dialetal com Anotações Sintáticas |
| CP | Sintagma Complementizador (do inglês <i>Complementizer Phrase</i>) |
| DP | Sintagma Determinante (do inglês <i>Determiner Phrase</i>) |
| EXP | Expletivo |
| FP | Projeção Funcional (do inglês <i>Functional Projection</i>) |
| I | Flexão (do inglês <i>Inflection</i>) |
| InfP | Sintagma infinitivo (do inglês <i>Infinitival Phrase</i>) |
| INQ | Documentador (do português europeu Inquiridor) |
| IP | Sintagma Flexional (do inglês <i>Inflectional Phrase</i>) |
| NP/SN | Sintagma Nominal (do inglês <i>Noun Phrase</i>) |
| NURC / SP | Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo |
| OP | Operador |
| PRAB | Português Rural Afro-Brasileiro |
| PB | Português Brasileiro |

| | |
|---------|---|
| PBC | Português Brasileiro Culto |
| PC | Pseudo Clivada |
| PCE | Pseudo-Clivada Extraposta |
| PC-inv | Pseudo-Clivada Invertida |
| PC-red | Pseudo-Clivada Reduzida |
| PE | Português Europeu |
| PP | Sintagma Preposicional (do inglês <i>Prepositional Phrase</i>) |
| PRE | Português Rural Europeu |
| QU / WH | Pronome Relativo |
| SC | Mini-Oração (do inglês <i>Small Clause</i>) |
| Spec | Especificador (do inglês <i>Specifier</i>) |
| t | Vestígio (do inglês <i>trace</i>) |
| V' | Projeção Intermediária Verbal |
| VCOP | Verbo Copulativo |
| VP / SV | Sintagma Verbal (do inglês <i>Verb Phrase</i>) |
| X | Foco |

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 13 |
| 2 | ITINERÁRIO DE ALGUNS ESTUDOS DE CLIVAGEM | 17 |
| 2.1 | AS CONSTRUÇÕES CLIVADAS | 21 |
| 2.1.1 | Tipos de Clivagem | 23 |
| 2.1.2 | A interpretação focal nas sentenças clivadas | 29 |
| 2.1.3 | Sintaxe do elemento focalizado | 31 |
| 2.2 | CONCLUSÃO | 33 |
| 3 | METODOLOGIA | 34 |
| 3.1 | CARACTERIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i> | 34 |
| 3.2 | DESCRIÇÃO DAS COMUNIDADES | 36 |
| 3.2.1 | As comunidades selecionadas | 37 |
| 3.3 | ASPECTOS ESTRUTURAIS OBSERVADOS | 38 |
| 3.3.1 | Seleção dos dados investigados | 38 |
| 3.3.2 | CrITÉrios para a seleção dos dados | 39 |
| 3.3.3 | Fatores estruturais | 40 |
| 3.3.3.1 | Estatuto focal do elemento clivado | 40 |
| 3.3.3.2 | Estatuto sintático do constituinte focalizado | 42 |
| 3.3.3.3 | A categoria do constituinte focalizado | 43 |
| 3.3.3.4 | Presença de um outro marcador especial de foco | 44 |
| 3.3.3.5 | Pessoa do discurso | 45 |
| 3.3.3.6 | Concordância de número entre a cópula e o constituinte focalizado | 46 |
| 3.3.3.7 | Concordância temporal entre a cópula e o verbo da oração encaixada | 47 |
| 3.3.3.8 | Animacidade do termo focalizado | 48 |
| 3.3.4 | Leitura das tabelas | 49 |
| 4 | ANÁLISE DOS DADOS | 50 |

| | | |
|--------------|---|----|
| 4.1 | DAS ESTRATÉGIAS DE CLIVAGEM NO PORTUGUÊS RURAL DE PORTUGAL | 50 |
| 4.1.1 | Tipos de clivagem no PE rural | 52 |
| 4.1.1.1 | A construção CLIV | 52 |
| 4.1.1.2 | A construção CLIV-inv | 54 |
| 4.1.1.3 | A construção CLIV-dup-cop | 57 |
| 4.1.1.4 | A construção CLIV-sem-cop | 58 |
| 4.1.1.5 | A construção PC | 61 |
| 4.1.1.6 | A construção PC-red | 62 |
| 4.1.1.7 | A construção PC-inv | 64 |
| 4.1.1.8 | A construção PCE | 64 |
| 4.1.2 | As ocorrências computadas | 65 |
| 4.1.2.1 | Resultados obtidos a partir da análise do estatuto focal do elemento focalizado | 69 |
| 4.1.2.2 | Resultados obtidos a partir da análise do estatuto sintático do constituinte focalizado | 76 |
| 4.1.2.3 | Resultados obtidos a partir da análise da categoria do constituinte focalizado | 78 |
| 4.1.2.4 | - Resultados obtidos a partir da presença de um outro marcador especial de foco | 80 |
| 4.1.2.5 | Resultados obtidos a partir da pessoa do discurso | 82 |
| 4.1.2.6 | Resultados segundo a concordância temporal entre a cópula e o verbo da sentença encaixada | 83 |
| 4.1.2.7 | Resultados segundo a concordância de número entre a cópula e o elemento focalizado | 87 |
| 4.1.2.8 | Resultados segundo a animacidade do termo focalizado | 89 |
| 4.1.2.9 | Outros casos encontrados | 91 |
| 5 | CONCLUSÃO | 94 |
| | REFERÊNCIAS | 98 |

1 INTRODUÇÃO

O português brasileiro (PB) se formou pelo contato da língua transplantada pelo seu colonizador com as diversas línguas indígenas, as numerosas línguas africanas chegadas com o tráfico negreiro e as línguas que imigraram da Europa e da Ásia. Desses contatos, a língua portuguesa foi tomando aqui formas peculiares, se definindo, tomando o formato brasileiro contemporâneo da língua portuguesa, com diferenças e mudanças em relação à língua de seu colonizador. A partir daí, pesquisadores buscam estabelecer e justificar as diferenças e semelhanças existentes entre a língua portuguesa do colonizador e a do colonizado.

A tentativa de esclarecer fenômenos que assemelham e diferenciam a língua portuguesa europeia e a língua portuguesa brasileira envolve questões e debates sobre a origem do PB. Segundo Ribeiro (2003), muitos dos estudos sobre as características sintáticas que definem o PB têm-se centrado ou na questão de sua provável origem crioula, com subsequente descrioulização, focalizando o contexto multilingüe dialetal das origens da sociedade brasileira, ou na mudança natural a que qualquer sistema lingüístico se submete com o tempo. Dessas perspectivas, tomam-se comumente como parâmetro às diferenças entre o PB e o português europeu (PE) moderno, sem dar a devida importância aos usos característicos do PE clássico.

Sabemos que a tradição filológica (aí incluindo lingüistas, filólogos e gramáticos históricos) reconhece três fases históricas do PE: português arcaico, português clássico e português moderno. Segundo Ribeiro (2003), essa periodização deve ser vista como um reflexo de mudanças internas ao sistema, em termos *chomskianos*. Assim, os dados do PE que serviram de *input* para a aquisição da língua portuguesa no Brasil foram, certamente, produzidos por diferentes gramáticas, ao menos a do PE clássico e a do PE moderno, uma vez que a migração portuguesa para o Brasil foi constatada do período da colonização até o século

XIX. Desse modo, ainda segundo Ribeiro (2003), para se constituir a história da língua portuguesa no Brasil é necessário realizar estudos sobre a sintaxe do PE clássico e do PE moderno, para, através de comparação entre PB e PE, tentar oferecer elementos para a determinação da origem e das características da língua portuguesa no Brasil.

Segundo Mattos e Silva (1999), ao se voltarem, nesta segunda metade do século XX, os estudos lingüísticos e sociolingüísticos para a sintaxe brasileira, especialmente a falada, verificou-se não só a complexa variabilidade da sintaxe do português brasileiro nos seus usos diversificados, como diferenças fundamentais que permitiram a postulação de uma *gramática brasileira*, no sentido paramétrico *chomskiano*, distinta da europeia.

De 1980 para cá, muitas pesquisas vêm demonstrando as diferenças entre a sintaxe brasileira e a sintaxe europeia. Muitos sociolingüistas e lingüistas gerativistas têm-se dedicado a essa questão (*cf.* GALVES, 2001, TARALLO, 1996). Na tentativa de fornecer alguns dados para a reflexão sobre a constituição sintática do PB, buscamos, nesta pesquisa, trabalhar um tópico bastante estudado em várias línguas: as estratégias de focalização em construções de clivagem e pseudo-clivagem. Segundo Kato e Ribeiro (2004, 2005), as construções clivadas são atestadas no PE desde o século XVII; as pseudo-clivadas, desde o século XIV.

Ao realizarmos um levantamento dos estudos já realizados sobre clivagem no português, notamos uma lacuna, pois identificamos estudos desse fenômeno em comunidades de fala culta do PB (KATO *ET ALII*, 1996); de fala culta do PE (BRITO E DUARTE, 2003) e em comunidades de fala popular do PB (CORTES, 2006), porém não há registros de pesquisas da variante popular do PE, o que nos motivou a realizar um estudo em *corpora* de fala popular europeia.

O estudo da clivagem em *corpora* rurais de Portugal tem como objetivo portanto, conhecer os tipos de construções clivadas mais freqüentes nesse dialeto, bem como as opções de usos que um falante faz diante da necessidade de focalizar um elemento, apontando, assim, as diferenças sintáticas e semânticas na realização de uma ou outra forma de construção clivada¹, revelando contextos e fatores que possam mostrar a preferência dos falantes por determinadas formas.

A proposta desta pesquisa traz subjacente a necessidade de comparar o comportamento do sistema lingüístico nos dois dialetos do português (PB e PE), e, para isso, buscamos inicialmente os resultados apresentados nos trabalhos de Kato *et alii* (1996), Cortes

¹ Quando usamos o termo construção(ões) clivada(s), estamos nos referindo ao fenômeno da clivagem de forma ampla, incluindo aí diferentes tipos de clivadas e de pseudo-clivadas.

(2006), Braga (1991) e Kato e Ribeiro (2004, 2005). Em seguida, constituímos um *corpus*. Recorremos à base de dados do PROJETO CORPUS DIALETAL COM ANOTAÇÕES SINTÁTICAS (CORDIAL-SIN), constituída pela transcrição de inquéritos de fala de portugueses que vivem no interior e que tiveram pouco ou nenhum acesso à escolarização.

Uma das motivações que nortearam esse trabalho foi o fato de Cortes (2006), em estudo de fala rural de afro-descendentes brasileiros, ter sugerido que a clivada-sem-cópula é o resultado de uma reanálise da clivada básica. Logo, surgiu a idéia de verificar a possibilidade dessa mesma reanálise ter ocorrido no PE rural; dessa forma, esse tipo de construção estaria presente em dialetos não-cultos do PE, e deixaria de ser considerado um tipo de construção exclusiva do PB, como citam alguns autores (cf. KATO E RIBEIRO (2004, 2005), CORTES, 2006) em estudos sobre o fenômeno da clivagem em dialetos do PB. Desde que o Brasil foi colonizado maciçamente por falantes do PE não-cultos, com pouca ou nenhuma escolarização, encontrar a clivada-sem-cópula na fala dessas comunidades rurais pode indicar que sua realização no PB não resulta de uma inovação na gramática dos colonizados, mas uma continuidade de uma construção que já estava presente na fala dos colonizadores. Desse modo, a ausência da clivada-sem-cópula na fala européia culta contemporânea, como afirmam Brito & Duarte (2003), pode resultar de mudanças posteriores na gramática do PE ou, certamente, pode tratar simplesmente de um artifício criado pela escola, que geralmente tende a reduzir da fala construções consideradas ‘inadequadas’ do ponto de vista dos gramáticos normativos, sobretudo porque as análises das referidas lingüistas se pautam sempre em dados da norma culta.

O trabalho é composto de três capítulos. O primeiro apresenta as discussões acerca do fenômeno clivagem, estabelecendo conceitos, tipos, características dessas construções atestadas no PB, no PE e em outras línguas. Registramos também a relação entre as sentenças clivadas e a interpretação de foco [+ / - contrastivo].

No segundo capítulo, caracterizamos os *corpora* analisados, estabelecemos os fatores a serem investigados nestes *corpora*, evidenciando os critérios utilizados no levantamento e na quantificação dos dados.

No terceiro capítulo, apresentamos os resultados obtidos na análise dos dados, destacando aspectos considerados importantes; os resultados encontrados mediante comparações com os de outras pesquisas sobre o mesmo fenômeno no português e as conclusões a que chegamos a esse respeito.

No capítulo conclusivo, retornamos ao início do trabalho, destacando os pontos importantes verificados durante a pesquisa, sintetizando as questões postas, seus resultados e considerações finais sobre alguns dos resultados.

2 ITINERÁRIO DE ALGUNS ESTUDOS DE CLIVAGEM

A abordagem da gramática gerativa tem representado uma grande mudança de perspectiva no que se refere aos problemas do estudo das línguas humanas. O objeto de investigação deixou de ser o comportamento lingüístico e passou a ser o estudo de mecanismos da mente, que estão subjacentes ao produto comportamental. O ponto crucial passa a ser o conhecimento da natureza, origem e uso da língua.

Uma das questões básicas a ser respondida pelo programa gerativista - “O que constitui o conhecimento da língua?” - norteou a primeira fase dos estudos gerativistas, que, na década de 80, se dedicaram às pesquisas sobre aquisição da linguagem, ou seja, se ocupou em descobrir o estado da mente / cérebro do indivíduo que conhece uma língua particular, a Língua I, e como este estado se desenvolve. A partir desse recorte do objeto lingüístico do gerativista é que recentemente têm sido estudadas questões discursivo-pragmáticas. Assim, podemos verificar a relação existente entre as competências gramatical e pragmática. Por exemplo, em sentenças como as em (1):

(1) a) Maria comeu a torta.

b) Foi Maria que comeu a torta.

podemos observar que (1a) e a clivada correspondente (1b) são sinônimas, ou seja, se uma for verdadeira, a outra também deverá ser. Porém, é evidente que há uma diferença discursivo-pragmática entre as duas sentenças: (1b) ocorre em um contexto em que é pressuposto que alguém comeu a torta, diferentemente de (1a). Ou seja, tendo ciências de que o interlocutor não sabe se a torta foi comida ou não, não utilizaríamos (1b).

Podemos perceber que o falante, quando opta pela configuração sintática expressa pela sentença clivada em (1b), dá como certo de que existe uma pressuposição na elocução.

Isto distingue a sentença clivada da sua contraparte não-clivada. Logo, diríamos que a sentença (1b) pressupõe a sentença ‘Alguém comeu a torta’, ou seja, para que a sentença (1b) possa ser usada, o fato de que alguém comeu a torta já deve ser estabelecido por quem está participando da conversação. A informação nova que é fornecida é que esse alguém foi ‘Maria’. Porém, para utilizar (1a) não há necessidade de que se saiba, no momento em que a sentença é emitida, que a torta foi comida por alguém. Podemos dizer que (1a) é pragmaticamente neutra, oferecendo menos informações ao ouvinte. Portanto, é evidente que a opção sintática selecionada pelo falante guia o ouvinte na interpretação do discurso.

A literatura distingue, assim, os tipos de sentenças em neutras (ou não marcadas) e marcadas. Uma sentença pode ser chamada de neutra, quando, por inteiro, pode ser entendida como uma asserção; em contrapartida, a sentença clivada, que faz parte do segundo grupo, costuma ser interpretada, no discurso, como uma construção composta de duas partes: uma pressuposta e outra assertiva. Vejamos os exemplos em (2):

(2) a) O que aconteceu?

b) Maria comeu a torta.

A sentença apresentada em (2b), que apresenta a estrutura linear (sujeito, verbo, complemento), é uma sentença neutra e não pragmaticamente marcada, podendo servir de resposta a uma pergunta como em (2a). Logo, podemos entender toda a sentença como uma asserção. Observemos agora a sentença (3b):

(3) a) O que Maria comeu?

b) Maria comeu a torta.

Podemos entender que há uma informação já conhecida do falante e do ouvinte “Maria comeu X”, onde X é a parte pressuposta, também conhecida na literatura por informação velha ou dada; há também uma outra informação que contém o valor de “X” (a torta), chamada de parte assertiva da sentença, ou informação nova. A organização discursivo-estrutural dessas duas informações torna a sentença (3b) não neutra.

A informação assertiva pode aparecer em qualquer parte da sentença a depender do contexto discursivo. Vejamos os exemplos a seguir:

(4) a) Quem comprou um carro?

b) João comprou um carro.

(5) a) O que João fez?

b) João comprou um carro.

Em (2b), a asserção é marcada por toda sentença; em (3b), a parte assertiva aparece no fim da sentença realizando a função de objeto direto; em (4b), a parte assertiva aparece no início da sentença, na forma de sujeito; e em (5b), a asserção incide sobre todo o predicado. Os conceitos de asserção e pressuposição são de grande importância para nossa pesquisa, pois são pontos fundamentais para a análise e interpretação das sentenças clivadas.

Além da noção de pressuposição e asserção na composição da estrutura da informação de uma sentença, temos a noção de foco. O termo foco é usado por diferentes teóricos, com diferentes significações. No sentido mais usual, foco é o elemento enfatizado na sentença, por apresentar informação nova mais importante. Segundo Lambrecht (1994), as línguas humanas marcam o foco de uma sentença de diversas formas:

a) através de movimentos sintáticos para uma projeção funcional, movimento chamado na literatura de “focalização”. A focalização apresenta variações entre línguas humanas, como na organização linear dos constituintes. O PE, por exemplo, tem a possibilidade de apresentar uma estrutura como: XVS, que não é possível no PB, segundo estudos (cf. Kato e Raposo, (1996)) realizados sobre o fenômeno¹:

(6) a) O que Maria comeu? (PE/PB) (Adaptado de Kato e Raposo (1996:01))

b) *A torta* comeu Maria. (PE/*PB)

b) sem movimento visível do constituinte focalizado, sendo o foco marcado pelo acento prosódico, como no exemplo em (7);

(7) a) Quem você viu?

b) Eu vi *João*.

¹ O elemento focalizado aparece em itálico nos exemplos em (6), (7) e (8).

c) através de movimentos sintáticos de que resultam construções clivadas, como exemplificado em (8):

(8) **É João que** trabalha na padaria.

Segundo Lambrecht (2001), o foco é aquele componente semântico de uma proposição pragmaticamente estruturada, em que a asserção pragmática difere da pressuposição. O termo asserção pragmática, utilizado por ele, é entendido como a proposição expressa por uma sentença que o falante espera que o ouvinte saiba, ou acredite ou suponha como resultado de ouvir a sentença (informação nova). Isto implica que se uma sentença evoca uma não-pressuposição, foco e asserção coincidem, como vimos no exemplo (2a) repetido em (9).

(9) a) O que aconteceu?

b) João comprou um carro.

Em (9b), a informação que o falante quer que seja destacada - o foco '*João comprou um carro*' - coincide com o que o falante espera que o ouvinte aceite como resultado: a asserção '*João comprou um carro*'.²

Segundo Lambrecht (2001), a função do foco marcado não é marcar um constituinte como novo, mas sinalizar uma relação de foco entre um elemento de uma proposição e a proposição como um todo. Nos casos em que o elemento focalizado coincide com a sentença por inteiro, a função do foco marcado é de indicar a ausência de um contraste foco-pressuposição.³

Podemos observar a análise de Lambrecht da estrutura informacional de uma sentença em (10')⁴:

(10) João comprou o quê?

² Para Lambrecht (2001), é importante perceber que o acento da sentença não é um dispositivo para marcar foco, mas um dispositivo para marcar porções semânticas dentro de uma estrutura pragmática da sentença, seja ela focal ou não. Assim, a relação pragmática cujo estabelecimento é assinalado por um acento de sentença pode ser ou uma relação de foco ou uma relação de tópico.

³ Na seção 2.1.2 falamos sobre a caracterização do foco na nossa pesquisa.

⁴ Para uma análise mais detalhada da estrutura informacional de uma sentença, ver Lambrecht (2001): 1.4 Estatuto sintático do constituinte focalizado.

O que João comprou foi um carro.

(10') Estrutura da informação

| | |
|-----------------------|---------------------------------|
| Contexto da Sentença: | João comprou o quê? |
| Sentença: | O que João comprou foi um carro |
| Pressuposição: | João comprou 'X' |
| Asserção: | X = um carro |
| Foco: | um carro |

A interpretação dada por Lambrecht à pressuposição e à asserção expressa na estrutura informacional da sentença em (10') não difere da análise que realizamos da sentença em (3), a não ser pelo acréscimo da noção de foco, que, para o autor, atua na parte assertiva da sentença reproduzindo o acento enfático, que possui uma entonação diferente da entonação dos demais elementos da sentença.⁵

Nesta seção, verificamos a relação entre a competência gramatical e a competência pragmática. Observamos que é através dessas competências que o falante infere um determinado estado de seu interlocutor e poderá, a partir daí, optar por um determinado tipo de sentença no decorrer do enunciado. Mostramos que há dois tipos distintos de sentenças, as marcadas e as não marcadas, e que as sentenças clivadas fazem parte do primeiro grupo. Apresentamos conceitos de asserção, foco e pressuposição que são de fundamental importância para a análise das sentenças clivadas. Nas seções seguintes, apresentamos os aspectos envolvidos na caracterização das construções clivadas, como a definição, os seus tipos, a interpretação focal nestas construções e a sintaxe do constituinte focalizado.

2.1 AS CONSTRUÇÕES CLIVADAS

As sentenças clivadas são caracterizadas como um tipo de sentença marcada, relacionada a estratégias sintáticas que o falante utiliza para destacar um elemento dentro de uma elocução.

⁵ Sabemos que há diferenças entre os acentos recebidos pelos elementos pertencentes à asserção, mas, entre esses, o que recebe maior destaque na prosódia é provavelmente o foco. Assim, nessa pesquisa, resolvemos diferenciar prosodicamente apenas o foco identificacional [+contrastivo] do foco identificacional [-contrastivo], sobre os quais falaremos mais adiante.

As gramáticas normativas da língua portuguesa comumente não tratam do fenômeno clivagem. Alguns gramáticos apresentam exemplos de clivadas invertidas e mencionam que a partícula ‘é que’ caracteriza-se como uma locução invariável, usada como elemento de realce. Rocha Lima (1996) expõe exemplos de construções pseudo-clivadas reduzidas e refere-se ao verbo “ser” como um elemento a “serviço” da ênfase e do realce, vazio de significação e sem papel sintático. O autor apresenta os seguintes exemplos:

(11) a) Esta criança quer *é* dormir. (Rocha Lima, (1996:407))

b) Visitei a Europa *foi* durante o verão.

O autor explica que o constituinte “dormir”, em (11a), foi realçado com a presença do verbo “ser” e que esta sentença, provavelmente, foi originada da sentença “O que esta criança quer é dormir”, após a elipse de elementos que são solicitados pela estrutura gramatical plena da oração principal. Já em (11b), ele explica que se o verbo “ser” estivesse ocupando a posição anterior ao verbo principal ‘visitei’, obrigatoriamente, apareceria a partícula ‘que’ – “parasita” - em correlação com ele.

(12) *Foi* durante o verão *que* visitei a Europa.⁶

Os lingüistas gerativistas analisam o fenômeno clivagem e o caracterizam como construções de estratégias sintáticas para focalizar um constituinte. Segundo Modesto (2001), construções clivadas são sentenças especificacionais em que um movimento A-barras dispara leituras características de contraste, exclusividade e exaustividade. Para o autor, uma construção só terá uma leitura de clivagem quando o seu foco for o elemento alçado na sentença, ocupando a posição de foco, atribuindo, dessa forma, um valor predicativo à pressuposição posicionada após o complementador ‘que’, o que podemos conferir no exemplo em (13):

(13) [_{FP}É *um vestido vermelho*₁] [_{Comp} **que** [_{IP} eu quero comprar *t*₁]]⁷

FOCO

⁶ Transcrito de Rocha Lima (1996:407)

⁷ Assumo, com Kato e Ribeiro (2005), uma posição FP na periferia à esquerda da sentença.

para o início da sentença, seguido da cópula e do complementizador ‘que’. Temos, assim, a forma X ser que.

(15) *João Henrique* Expletivo-Ø **é que** nasceu em Pernambuco.

Kato *et alii* (1996) incluem as sentenças pseudo-clivadas invertidas na denominação CLIV-inv, justificando que, desse modo, explica-se melhor o fenômeno sintático existente nas duas estruturas. Logo, propõem dois tipos de CLIV-inv, de acordo com a posição que o constituinte focalizado ocupa na estrutura da sentença: a Clivada invertida sujeito (CLIVinv-suj), se o constituinte focalizado ocupa a posição de sujeito da sentença (Spec de IP), acarretando concordância número pessoal do verbo ser (cf. exemplo em (16)) e a Clivada invertida focal (CLIVinv-foc) quando um constituinte é alçado para uma posição acima do sujeito, uma posição de foco (cf. exemplo em (17)). Justificam, assim, a falta de concordância entre a cópula e o elemento focalizado, e a possibilidade de elementos adverbiais também serem focalizados por essa estrutura.

(16) a) [_{IP} *Ele*_i [**foi** [_{t_i} [_{CP} **quem** disse isso.]]]]⁹

b) [_{IP} *Os meninos*_i [**foram** [_{t_i} [_{CP} **quem** disse isso.]]]]

17) a) [_{IP} *Eu*_i [_{IP} Expl [**é** [_{t_i} [_{NP} [_{OP} **que** disse isso.]]]]]]

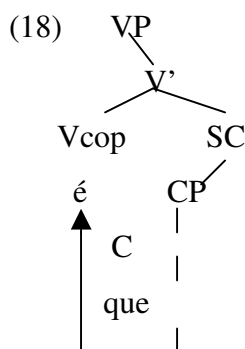
b) [_{IP} *Os meninos*_i [_{IP} Expl [**é** [_{t_i} [_{NP} [_{OP} **que** disseram isso.]]]]]]

Modesto (2001) considera este tipo de análise meramente descritivo e dúbio em muitos casos, pois não leva em consideração a alternância entre o complementador ‘que’ e o pronome relativo ‘quem / o que’, constituintes que introduzem as sentenças encaixadas nas CLIV e PCs, respectivamente. Neste trabalho, consideraremos, como Modesto, CLIV e PC como tipos diferentes de clivagem, assim como distinguiremos CLIV-inv das PC-inv. Assumiremos a presença do pronome relativo ‘quem / o que’ em alternância com o complementizador ‘que’ na análise descritiva das sentenças clivadas como um caso de construção pseudo-clivada para os primeiros e de clivada para o segundo.

Brito e Duarte (2003) apresentam as construções CLIV-inv como ‘PC-inv de é que’¹⁰. As autoras argumentam que a seqüência ‘é que’, nesta construção, é o resultado de um

⁹ As descrições estruturais apresentadas nos exemplos em (16 / 17 / 20 / 21 e 22) estão de acordo com aquelas apresentadas em Kato *et alii* (1996).

processo de reanálise, que a re-interpretou como uma forma fixa, ocupando uma única posição sintática. Essa reanálise equivale à incorporação do complementador ‘que’, cuja posição é de sujeito da ‘small clause (SC)¹¹’, selecionado pela cópula ‘é’, como podemos ver em (18):



Com o movimento do verbo para a flexão, a cópula e o complementador passam a ocupar a posição do núcleo funcional da sentença copulativa. Dessa forma, ‘é que’ não admite marcas de tempo nem concordância (19c / d) e é uma seqüência que não pode ser interrompida (20d).¹²

- (19) a) *O queijo é que* o corvo comeu.
 b) *Os queijos é que* os corvos comeram.
 c) **Os queijos foi que* os corvos comeram.¹³
 d) **Os queijos são / foram que* os corvos comeram.

- (20) a) De facto, *o queijo é que* o corvo comeu.
 b) *O queijo*, de facto, *é que* o corvo comeu.
 c) *O queijo é que*, de facto o corvo comeu.
 d) **O queijo é*, de facto, *que* o corvo comeu.

¹⁰ As autoras argumentam que esses tipos de construções, assim como as PC-red, que serão apresentadas adiante, não são admitidas no espanhol, no italiano nem no francês.

¹¹ SC=mini oração, subcategorizada pelo verbo ser, cujo sujeito (XP) é sempre o elemento focalizado e o predicado é sempre um NP relativizado.

¹² Os exemplos (19) e (20) foram retirados de Brito e Duarte (2003:691).

¹³ O asterisco marca a agramaticalidade da sentença.

(24) a) (Onde) Ele nasceu foi *em Pernambuco*. (PC-red)

b) **Onde** ele nasceu **foi** *em Pernambuco*. (PC)

Em (24a) ilustramos uma sentença pseudo-clivada-reduzida e, em (24b), a mesma sentença na forma de uma pseudo-clivada plena. As autoras ainda mostram que o apagamento, neste tipo de construção não se restringe ao elemento ‘que’. Há um caso de apagamento da cópula como em (25); outro caso é de possível apagamento da cópula e do elemento ‘QU’ da cláusula ‘Q’ como em (26); e um outro caso de apagamento da preposição requerida pelo verbo, quando há a focalização de um objeto indireto como em (27). Vejamos os exemplos transcritos de Kato *et alii* (1996:337):

(25) **O que** eu noto... **que** o teatro agora. (DID/234, p. 106)

(*o que eu noto... é que*)

(26) e o exótico **é que** acredito que poucas pessoas tiveram o privilégio que tive. (D2/255, p103)

(*e o que é exótico é que...*)

(27) **o que** me lembro **é que** era preciso... depois de colhido... ah co/colocar o arroz e bater o arroz (DID/18, p.21)

(*de que me lembro é que era...*)

Kato *et alii* (1996) informam ainda que, embora alguns autores afirmem que a PC no PB possa ser iniciada por qualquer um dos sintagmas QU, significando que adjuntos adverbiais também possam ser focalizados, essa possibilidade é pouco freqüente em estudos realizados nos dados do NURC / SP, uma vez que apenas um único dado foi encontrado:

(28) Eu viajo mais **é** fazendo turismo mesmo. (D2/255, p.102) (Kato *et alii*: (1996:338))

(*Como eu viajo mais é fazendo...*)

Esse tipo de construção é chamado por Brito e Duarte (2003) de ‘semi-pseudo-clivada’. As autoras argumentam que essa construção não pode ser derivada da construção PC por apagamento do pronome relativo, pois a construção PC permite que o constituinte clivado seja um sintagma verbal (SV) máximo ou o sujeito da frase, enquanto que na ‘semi-pseudo-

clivada’ o constituinte clivado não pode ser um sintagma verbal máximo ou qualquer constituinte superior na hierarquia da frase, como sujeito ou advérbio de frase, pois a estrutura resultante é agramatical. Elas demonstram isto com os seguintes exemplos¹⁵:

- (29) a) *O corvo fez foi *comer o queijo*. (SV máximo)
 b) *Comeu o queijo foi *o corvo*. (SN, sujeito)
- (30) a) O que o corvo fez foi *comer o queijo*. (VP máximo)
 b) Quem comeu o queijo foi *o corvo*. (DP, sujeito)

Apesar de Brito e Duarte (2003) considerarem a sentença em (29a) agramatical no PE, consideramos uma sentença possível no PB; já a sentença em (29b) parece também não ser totalmente aceitável no PB. Vejamos um exemplo em PB de uma sentença PC-red em que o constituinte focalizado é um sujeito, tal como o tipo descrito em (30b).

(31) Comprou um vestido **foi** *Joana*.(??PB)

Não nos parece muito comum a realização de construções como em (31) no PB. Contudo, verificaremos se é possível a realização da estratégia PC-red com a focalização de sujeito nos dados do português rural de Portugal.

f) Pseudo clivada extraposta (PCE), que é resultado do movimento de uma relativa livre para uma posição final da sentença. Segundo Modesto (2001), esse movimento é caracterizado como A-barrá, pois faz gerar as leituras semânticas de contraste, exclusividade e exaustividade típicas da clivagem. Esse tipo de construção é chamado por Brito e Duarte (2003) de ‘Clivada-Q’.

- (32) a) Foi *o queijo* o que o corvo comeu. (Brito e Duarte: (2003:685))
 b) É *a Suzanita* quem quer casar. (Modesto: (2001:22))
 c) Fui *eu* quem comeu o bolo.

g) Clivada sem cópula (CLIV-sem-cop), que resulta do apagamento da cópula na sentença. Esse tipo de construção não é citado por Brito e Duarte (2003) como estratégia de clivagem

¹⁵ Exemplos 29 e 30 (cf. Brito e Duarte (2003:693))

no PE, mas aparece em estudos de Kato *et alii* (1996) e Kato e Ribeiro (2005) como estratégia do PB e é atestada em estudo do PB de afro-descendentes brasileiros realizado por Cortes (2006), o que permite caracterizá-la como estratégia típica do PB.

- (33) a) Eu **que** entro. (Kato *et alii*: (1996:309))
 b) A Maria **que** telefonou. (Kato e Ribeiro: (2005:7))
 c) Eu mermo **que** torrava farinha. (Cortes: (2006:71))

É objetivo dessa pesquisa verificar se é possível a estratégia de clivada sem cópula nos *corpora* do português rural de Portugal.

h) Clivadas com dupla cópula (CLIV-dup-cop), caracterizada pela presença de duas cópulas, são construções em que o falante reforça a informação focalizada, mantendo a cópia da cópula gerada no VP em vez de apagá-la, como no exemplo a seguir:

- (34) [_{IP} É [_{VP} João [_{SC} que faz compra aqui em casa]]]]¹⁶.

Apresentamos nesta seção os tipos de construções clivadas já atestadas no PB e no PE culto. É objetivo desta pesquisa verificar e analisar as ocorrências de todos os tipos de estratégias de clivadas, aqui apresentados, nos *corpora* do português rural de Portugal, estabelecendo comparações entre os resultados obtidos nesta pesquisa e resultados de outros estudos já realizados sobre clivagem no português.

2.1.2 A interpretação focal nas sentenças clivadas

Kiss (1998) discute dois tipos de foco: o foco identificacional e o foco informacional. O primeiro expressa exaustividade e ocupa o lugar de especificador de FP (functional projection); o segundo é aquele que traz a ‘informação nova’ e não está associado nem à ordenação sintática, nem ao movimento do foco. Logo, o foco informacional está presente em toda sentença, mas nem toda sentença tem um foco identificacional. Kiss (1998) também argumenta que o constituinte clivado é que realiza o foco identificacional e que

¹⁶ De acordo com a representação estrutural apresentada em Cortes (2006:69).

somente os termos que são analisados como foco identificacional é que carregam um valor de pressuposição.

Consideramos o exemplo em (35), adaptado de (Kiss (1998:248)):

(35) Eu olhei todos os carros que estão à venda. É um carro JAPONÊS que eu comprarei.

A parte focalizada da construção clivada introduz um conjunto de nacionalidades. O elemento ‘Japonês’ representa a informação não pressuposta, ou seja, o foco informacional na sentença, enquanto que o foco identificacional se estende por todo o DP ‘um carro japonês’, pois um foco identificacional nunca será um subconstituente.

A característica específica do foco identificacional está sujeita a variações paramétricas: os operadores de foco de várias línguas são especificados por um valor positivo de uma ou ambas características [+exaustividade] e [+contrastividade]. Segundo Kiss (1998), semanticamente, foco identificacional representa o valor da variável destinado, por um operador abstrato, a expressar identificação exaustiva e + / - contrastiva. Sintaticamente, o foco identificacional atua como um operador, movendo-se para uma posição de escopo no especificador do FP, ligando-se a uma variável.

Além das diferenças já citadas entre foco informacional e foco identificacional, Kiss (1998) apresenta outras propriedades semânticas e sintáticas que caracterizam o foco identificacional, distinguindo-o do foco informacional:

- 1) o foco identificacional expressa exaustividade; o foco informacional apenas marca a natureza da informação não pressuposta;
- 2) alguns tipos de constituintes não podem funcionar como foco identificacional, mas não há restrição para constituintes que podem funcionar como foco informacional;
- 3) o foco identificacional possui escopo enquanto que o foco informacional não;
- 4) o foco identificacional é movido para o especificador de FP, enquanto que o foco informacional não envolve movimento.

Seguimos a interpretação de Kiss (1998) para a análise da interpretação focal nas sentenças clivadas. Consideramos que nas construções clivadas encontramos apenas o foco identificacional, pois o constituinte clivado sofreu movimento, e este apresentará dois tipos de efeitos:

a) [+ contrastivo] - o elemento focalizado é selecionado dentro de um conjunto de elementos, gerando o efeito de contraste e exclusividade ou negando o elemento da pressuposição (cf. exemplo em 36b);

b) [- contrastivo] - o elemento focalizado expressa exaustividade, mas não exprime um efeito [+ contrastivo] (cf. exemplo em 37b).

(36) a) Pedro vendeu uma motocicleta?

b) Não, **foi** UMA BICICLETA **que** Pedro vendeu.

(37) a) O que (é/foi que) Pedro vendeu?

b) **Foi** *uma bicicleta* **que** Pedro vendeu.

Em (37b), o elemento clivado representa o foco “*uma bicicleta*” identificando apenas o valor de ‘X’ da pressuposição ‘*Pedro vendeu ‘X’*’; enquanto que em (36b), o foco nega a informação expressa na sentença que traz o contexto, ou seja, foi ‘UMA BICICLETA’ que Pedro vendeu, e não ‘uma motocicleta’. Neste caso, o constituinte focalizado, em caixa alta, carrega o acento enfático e o efeito contrastivo.

Identificaremos o tipo de interpretação focal expresso na sentença clivada da seguinte forma: quando se tratar de ‘foco identificacional com efeito [+ contrastivo]’, o constituinte focalizado será exibido em CAIXA ALTA, e quando o foco identificacional apresentar efeito [- contrastivo], o constituinte focalizado será exibido em *itálico*.

2.1.3 Sintaxe do elemento focalizado

É importante salientar a questão do estatuto sintático do elemento focalizado nas clivadas. Embora pareça que qualquer constituinte possa ser focalizado nas diversas estratégias de clivagem, alguns pesquisadores mostram que alguns tipos de construções clivadas favorecem a ocorrência de uma dada função sintática em detrimento de outras.

Kato *et Alii* (1996), em análise do NURC / SP, mostram que alguns tipos de construções clivadas favorecem a ocorrência de um número maior de certas funções sintáticas. A análise da função sintática do constituinte focalizado deve ser feita como se o constituinte não tivesse sido clivado. Temos então:

- (38) a) **O que** corvo comeu **foi o queijo**. (Brito e Duarte, (2003:685))
 (Objeto direto = O corvo comeu o queijo.)
- b) O corvo deu o queijo **foi à raposa**. (Brito e Duarte, (2003:692))
 (Objeto indireto = O corvo deu o queijo à raposa.)
- c) **Foi o corvo que** comeu o queijo. (Brito e Duarte: (2003:687))
 (Sujeito = O corvo comeu o queijo.)
- d) **Foi na Feira do Livro que** eu comprei este dicionário de verbos. (Brito e Duarte: (2003:686))
 (Adjunto adverbial de lugar = Eu comprei este dicionário de verbos na Feira de Livro.)
- e) **Quando** eu cheguei **foi ontem**. (Kato *et alii*: (1996:324))
 (Adjunto adverbial de tempo = Eu cheguei ontem.)
- f) (*Por isso é que* eu acho que a coisa é muito difícil de acontecer.) (Kato *et alii*: (1996:324))
 (Adjunto adverbial de modo = Eu acho que a coisa é muito difícil por isso.)

Brito e Duarte (2003) mostram que alguns advérbios de frase (cf 39a / b / c) e orações adverbiais não substituíveis por advérbios de sintagmas verbais (cf 40a / b) não admitem serem clivados, como podemos ver nos exemplos a seguir (Brito e Duarte: (2003:686)):

- (39) a) ***Foi provavelmente como** o João comeu o bolo.
 b) ***Foi provavelmente que** o João comeu o bolo.
 c) **Provavelmente é que* o João comeu o bolo.
- (40) a) ***Foi embora estivesse frio quando** fomos à praia.
 b) ***Foi embora estivesse frio que** fomos à praia.
 c) **Embora estivesse frio é que* fomos à praia.

Brito e Duarte (2003) também afirmam que em construções ‘semi-pseudo-clivadas’ (PC-red) o constituinte clivado não pode ser um sintagma verbal máximo ou qualquer constituinte superior na hierarquia da frase, como o constituinte sujeito, pois o resultado é agramatical, como ilustrado com o exemplo em (41), extraído de Brito e Duarte (2003:693):

(41) a) *O corvo fez **foi** *comer o queijo*.

b) *Comeu o queijo **foi** *o corvo*.

É relevante para essa pesquisa a relação entre o estatuto sintático do constituinte clivado e o tipo de construção clivada no PE rural. Apresentamos as ocorrências percentuais desta relação durante a análise dos dados no capítulo de análise dos *corpora*.

2.2 CONCLUSÃO

Vimos, neste capítulo, que as sentenças clivadas são sentenças marcadas, caracterizadas por apresentar duas partes: uma pressuposta e outra assertiva. Essas sentenças são vistas como um tipo relacionado a estratégias sintáticas que o falante utiliza para destacar um elemento prosodicamente sobressalente na sentença. Apresentamos os tipos de clivagem atestados no português e em outras línguas, mostrando as características compartilhadas por eles, apesar das suas diferentes estruturas formais. Mostramos a interpretação focal nas construções clivadas, interpretando o elemento focalizado como identificacional que pode ter leitura [+ ou - contrastiva]; esclarecemos que os constituintes focalizados podem assumir funções sintáticas diferentes e que é objetivo desta pesquisa verificar a relação entre tipo de clivada e função sintática do constituinte focalizado.

3 METODOLOGIA

No capítulo anterior, buscamos registrar as idéias a partir das quais este trabalho se delinea. Com o propósito de fornecer não apenas dados para a reflexão e discussão sobre a realidade lingüística tão variada do PB, mas também elementos que poderão dar suporte para a pesquisa da sua constituição histórica, focalizamos o fenômeno de clivagem e observamos sua presença e comportamento no PE rural, na medida em que acreditamos que, para se constituir a história da língua portuguesa no Brasil, se fazem necessários estudos do PE moderno, para, através de comparação entre PB e PE, o que é uma prática gerativista, tentar oferecer elementos para a determinação da origem do PB.

Neste capítulo, mostramos as etapas concernentes à pesquisa, evidenciando a composição dos *corpora* utilizados e os elementos estruturais estabelecidos para conduzir as análises de natureza lingüística, com a finalidade de identificar os fatores condicionadores que determinam a utilização de cada estratégia de clivagem.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO *CORPUS*

Elegemos como objeto de investigação *corpora* extraídos de inquéritos na variedade do português falado, coletados em Portugal, em áreas um pouco distantes dos grandes centros urbanos, sem as restrições impostas pela escolarização, o que se pressupõe uma possível preservação de construções lingüísticas antigas, que podem fornecer elementos importantes para a nossa pesquisa. Esses *corpora* fazem parte do acervo do PROJETO *CORPUS* DIALETAL COM ANOTAÇÕES SINTÁTICAS CORDIAL-SIN, disponível no site: http://www.clul.ul.pt/sectores/cordialsin/projexto_cordialsin_corpus.html. Esse projeto,

que está em andamento, tem como pesquisadora responsável à professora doutora Ana Maria Martins, do Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, e tem como objetivo o estudo da variação sintática dialetal do português europeu, numa perspectiva de Princípios e Parâmetros, usando uma metodologia de constituição / exploração de um *corpus* sintaticamente anotado.

O projeto constitui um arquivo sonoro com 4.500 horas de gravações obtidas em mais de 200 localidades do território português nas décadas de 80 e 90. Encontram-se cerca de 100.000 registros de fala do tipo discurso livre ou semidirigido. Trinta e cinco localidades foram mapeadas em todo o território português e de 21 delas os pesquisadores possuem os registros disponíveis, gravados e transcritos.

O Cordial-SIN apresenta-se em quatro formatos: transcrição conservadora; transcrição ortográfica normalizada; texto morfológicamente anotado; texto sintaticamente anotado. Destes, a versão sintaticamente anotada só estará disponível com a conclusão do *corpus*. Utilizamos, neste trabalho, a transcrição ortográfica normalizada. Essa versão inclui apenas transcrição ortográfica, após a eliminação das marcas de pausa e seqüências de transcrição fonéticas, que identificam variantes fonéticas e morfofonológicas. A transcrição normalizada inclui frases completas ou fragmentos frásicos sintaticamente analisáveis e anotáveis.

As transcrições são divididas por fichas numeradas e etiquetadas, dentre as quais apresentamos uma, da localidade de Vila Praia de Âncora, cujo código de identificação é VPA:

| | |
|--|---|
| Código de identificação do ficheiro: VPA01-N | |
| Localidade: Vila Praia de Âncora Distrito: Viana do Castelo | Concelho: Caminha Data: 1985 |
| Informante1: Adail Idade: 60 | Sexo: Masculino Escolaridade: |
| Informante2: Idade: | Sexo: Escolaridade: |
| Informante3: Idade: | Sexo: Escolaridade: |
| Fonte: ALLP Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: 01 lado: A min: 20-94 | Inquiridor2: Gabriela Vitorino |
| Assunto: Os moluscos e crustáceos | |
| Tipo de transcrição: Normalizada Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ernestina Carrilho CD nº: 01A faixa: 01 | Data da primeira transcrição: Set.99 Data da revisão final: Abr.00 |

A identidade dos informantes e de todos os indivíduos nomeados nos textos transcritos foi substituída por nomes fictícios. Segundo o manual de transcrição do projeto, foram usados, respeitando a ordem alfabética, os nomes próprios portugueses que constam simultaneamente da lista estabelecida em Bergstrom e Reis (1997) e do Dicionário Onomástico de José Pedro Machado (1984)¹.

Nem todas as fichas estão completas, em muitas não há dados sobre a idade e escolaridade do informante; desta forma, foi inviável, para este trabalho, uma quantificação dos dados com base nestes fatores. Também deixamos de computar a variante sexo, devido à ausência de proporção entre o número de informantes do sexo masculino e feminino. Dentre as fichas que trazem informações sobre a idade e escolaridade, podemos afirmar que os informantes possuem idade entre 38 e 85 anos e escolaridade entre analfabetos a 4ª classe. Segundo informações da coordenadora responsável pelo projeto, todos os informantes nasceram na localidade em que o inquérito foi gravado.

As entrevistas buscam informações lexicais relativas à atividade econômica, ao meio físico e à vida de cada região e tratam sobre temas como o linho e o tear, os vestuários, os rios e mares, as ervas, arbustos e flores, a pesca, dentre outros.

Sempre que necessário, apresentamos os resultados numéricos em forma de tabela e oferecemos exemplos extraídos dos *corpora*, com indicação referente à comunidade em que foi coletado e ao número do inquérito. A título de exemplo, temos a seguinte construção clivada:

(01) *É por isso que* eu sei, que estou aqui. (MIN26-N)

Entre parêntese temos a identificação da comunidade Arco de Valdevez (MIN) seguido do número da ficha (26) e do formato da transcrição (N= normalizada).

3.2. DESCRIÇÃO DAS COMUNIDADES

Nesta seção, não só informamos a localização geográfica, como também registramos algumas informações que dão uma idéia panorâmica sobre a atividade econômica

¹ As referências bibliográficas dos dicionários podem ser encontradas no manual do projeto disponível no site do Cordial-SIN.

e curiosidades de algumas comunidades. Dentre as vinte e uma localidades que já possuem os registros gravados, disponíveis e transcritos, apenas treze foram selecionadas para essa pesquisa. Consideramos esse número suficiente para a análise do fenômeno aqui trabalhado.

3.2.1 As comunidades selecionadas²

Através de leituras sobre as comunidades selecionadas, constatamos que estas se caracterizam por serem pequenas e isoladas. Geralmente possuem como atividade econômica principal a pesca, a agricultura, a cerâmica e a pecuária.

Algumas comunidades, como a de Porches e Outeiro, por exemplo, eram pequenas freguesias ou aldeias que, com o desenvolvimento, foram elevadas a cidade. Achamos interessante destacar algumas peculiaridades de certas comunidades: a de Monsanto possui uma população de apenas 250 pessoas que tentam conservar suas tradições, por isso é conhecida como a ‘aldeia mais portuguesa de Portugal’, inclusive por não ter sido muito influenciada pela cultura de outros povoados; a de Caniçal caracteriza-se por ser uma aldeia de pescadores pobres, isolada e com dificuldades de comunicação com as freguesias vizinhas. Os seus habitantes sobrevivem da pesca, da lavoura e do cultivo de algumas terras; a de Camancha vive numa pequena vila conhecida pela ‘festa da maçã’ e pelos seus grupos folclórico; a de Castelo de Vide, segundo pesquisadores, é conhecida por situar-se num local que possui inúmeros monumentos do passado, entre os quais se encontram valiosos vestígios arqueológicos da Pré-História e da Alta Idade Média, além de um dos mais reconhecidos centros termais de Portugal.

Sobre muitas comunidades, apenas encontramos informações sobre o concelho e o distrito às quais pertencem. Apresentamos a seguir uma tabela com os nomes das comunidades, com os seus respectivos concelhos e distritos:

Tabela 1- Concelho e distrito aos quais pertencem as comunidades

² Algumas comunidades foram agrupadas e computadas através de um código como se fossem apenas uma comunidade. Na seção 4.1, a tabela 2 especifica esse agrupamento e informa o código dessas comunidades.

| Comunidades | Concelhos | Distritos |
|--------------------------|----------------------|------------------|
| Vila Praia de Âncora | Caminha | Viana do Castelo |
| Castro Laboreiro | Melgaço | Viana do Castelo |
| Perafita | Matosinhos | Vila Real |
| Porches | Lagoas | Faro |
| Monsanto | Idanha-a-Nova | Castelo Branco |
| Fajãzinha | Lajes das Flores | Horta |
| Outeiro | Bragança | Bragança |
| Covo | Vale de Cambra | Aveiro |
| Ponta Garça | Vila Franca do Campo | Ponta Delgada |
| Câmara dos Lobos | Câmara dos Lobos | Funchal |
| Caniçal | Machico | Funchal |
| Camancha | Porto Santo | Funchal |
| Tanque | Porto Santo | Funchal |
| Arcos de Valdevez | Arco de Valdevez | Viana do Castelo |
| Bade | Valença | Viana do Castelo |
| São Lourenço da Montaria | Viana do Castelo | Viana do Castelo |
| Sapeira | Vide | Portalegre |
| Castelo de Vide | Vide | Portalegre |
| Porto da Espada | Marvão | Portalegre |
| São Salvador de Aramenha | Marvão | Portalegre |
| Alpalhão | Nisa | Portalegre |
| Nisa | Nisa | Portalegre |

3.3 ASPECTOS ESTRUTURAIS OBSERVADOS

3.3.1 Seleção dos dados investigados

Selecionamos os dados a partir dos tipos de sentenças clivadas já atestadas no PB e no PE. Dessa forma, apresentamos abaixo os tipos, já caracterizados no capítulo anterior e que foram considerados na coleta de dados. Vejamos exemplos:

| | |
|---|-------------------------------------|
| (2) a) Foi ROSEMARIE que comeu o chocolate. | Clivada-básica (CLIV) |
| b) VERÔNICA é que vai comprar os doces. | Clivada-invertida (CLIV-inv) |
| c) O que eu quero é GANHAR NA LOTERIA. c') Quem Felipe encontrou foi MOACIR. | Pseudo-clivada básica (PC) |
| d) UM LIVRO foi o que Rerisson comprou. d') CRISTINA foi quem Edvalda encontrou. | Pseudo-clivada invertida (PC-inv) |
| e) (O que) Eu quero é VIAJAR. | Pseudo-clivada reduzida (PC-red) |
| f) Foi GUILHERMINA quem disse isso. | Pseudo-clivada extraposta (PCE) |
| g. (É) ANDRÉ (é) que estuda aqui. | Clivada-sem-cópula (CLIV-sem-cop) |
| h. É Deus é que manda. | Clivada dupla cópula (CLIV-dup-cop) |

3.3.2 Critérios para a seleção dos dados

Verificamos se a sentença selecionada realmente possuía uma leitura típica de clivagem (contraste, exaustividade e exclusividade), ou se apenas trazia um DP modificado por uma relativa. Observem os exemplos em (3) e (4):

- (3) a) Quem é o seu professor de inglês?
b) É Mário que dá aulas na ACBEU³ e não aquele que dá aulas no UEC)

E em (3b), apesar de a sentença aparentemente apresentar a estrutura de uma construção clivada (**É X que**), o seu contexto mostra que se trata apenas de um DP “Mário” modificado por uma oração relativa restritiva “que dá aulas na ACBEU”, uma vez que toda a sentença traz apenas uma informação nova ao interlocutor que questionou. Ao contrário do que podemos encontrar em (4):

- (4) a) Quem ensina no ACBEU? É José?
b) Não, é Mário que dá aula na ACBEU. (e não José)

³ ACBEU = Associação Cultural Brasil Estados Unidos

Em (4), o elemento focalizado “Mário”, uma informação nova, é seguido da parte pressuposta da sentença “que dá aula na ACBEU”. O elemento focalizado sofreu um movimento para a esquerda, na sentença, disparando uma leitura de contraste, exaustividade e exclusividade, característica da clivagem.

3.3.3 Fatores estruturais

Selecionamos alguns fatores estruturais com o intuito de verificar o comportamento lingüístico dos falantes das comunidades analisadas nesta pesquisa. Alguns fatores aqui selecionados já foram estudados tanto por Kato *et alii* (1996), que fez uma análise de um dialeto urbano culto do PB, quanto por Cortes (2006), que estudou um dialeto afro-brasileiro. Sendo assim, consideramos necessário aplicá-los, a fim de verificar se o comportamento lingüístico de falantes do PE rural é condicionado pelos fatores que condicionam os falantes de algumas comunidades urbanas e rurais do PB.

Os fatores estruturais considerados na análise foram:

- a) Estatuto focal do elemento clivado;
- b) Estatuto sintático do constituinte focalizado;
- c) A categoria do constituinte focalizado;
- d) Presença de um outro marcador especial de foco;
- e) Pessoa do discurso;
- f) Concordância de número entre a cópula e o elemento focalizado;
- g) Concordância temporal entre a cópula e o verbo da sentença encaixada;
- h) Animacidade do termo focalizado.

3.3.3.1 Estatuto focal do elemento clivado

Com esse fator, observamos o contexto em que ocorre o diálogo de onde foi retirado o dado analisado e verificamos se o elemento focalizado produz ou não um efeito contrastivo no discurso. Tal análise é facilitada quando a construção possui alguma relação

com alguma pergunta. Observamos, contudo, que as sentenças encontradas, quase em sua totalidade, não eram provenientes de perguntas realizadas pelo documentador, mas construídas durante o discurso do falante; logo, a estrutura da pergunta não foi um agente facilitador na análise do estatuto focal do constituinte clivado:

(5) INF1 Manteiga, mas... Manteiga é quando vai à panela, que está a ferver, ou já ferveu, e as mulheres deitam aquilo em boiões, que é para fazer as comidas pelo ano adiante. É com essa manteiga. Que é da graxa branca que se faz isso.

INQ2 Portanto, mas nessa altura já chamam manteiga?

INF1 DEPOIS DE DERRETIDA **é que** chamam manteiga. (MIG11-N)

(6) DOC: Aprende o quê?... o que por exemplo?

INF: É muntchas coisas assim que eu falo que... olha: na bem da verdade, eu sempre eu conzinhava, mas ieu num sabia conzinhá... (CZ-1) (retirado de Cortes (1996:88))

Em (5) e (6), as sentenças estavam relacionadas às perguntas dos documentadores, casos restritos nos dados estudados. Observamos que, em (5), o constituinte focalizado na resposta do informante 'DEPOIS DE DERRETIDA' traz um efeito contrastivo em relação à pergunta do documentador. '*nessa altura já chamam manteiga?*' Logo, classificamos o elemento focalizado na CLIV-inv de foco identificacional com leitura [+ contrastiva]. Já o exemplo em (6), o foco na resposta do informante 'É muntchas coisas assim é que eu falo...' traz apenas uma informação nova em relação à pergunta do documentador, deste modo chamamos o elemento focalizado na CLIV de foco identificacional com leitura [- contrastiva].

As construções em (7) e (8) não estão relacionadas às perguntas do documentador; assim o estatuto focal é classificado a partir do contexto.

(7) *INQ1 Antes quer as panas?*

INF1 É.

INF2 As tigelas.

INF1 As tigelas. (...) Aquilo ali, a tigela é lisa

INQ1 Pois. Não prende.

INF1 e o fio não prende nada. Porque é: isso é uma coisa quando apanha (...) uma coisinha essas assim, a gente ficam logo engatadas. Porque é: esse tear isso já tem anos.

INQ1 Claro. Olhe e....

INF1 Eu já teço... Eu tinha catorze anos, eu já teço há quarenta e dois anos. Porque eu tenho cinquenta e seis e eu comecei a tecer com a idade de catorze anos. Com catorze anos, eu já estava aprendendo. Comecei (...) a tecer mas eu sempre gostei: teci cobertores de tear, não é só MANTAS que eu faço (MIG46-N)

(8) INF1 Isso aí é o canhoto. (Isso) chama-se um canhoto. O canhoto da urzeira é que dá para fazer o carvão. (CTL23-N)

Em (7), a construção CLIV sublinhada mostra que o constituinte em caixa alta “MANTAS”, além de apresentar uma informação nova no discurso, contrasta como o elemento em negrito “cobertores de tear”, assim o seu estatuto focal é caracterizado como [+ contrastivo]. Por sua vez, em (8), percebemos que o constituinte focalizado “*o canhoto da urzeira*”, na CLIV-inv, não estabelece nenhuma relação de contraste com os demais elementos da sentença; logo o seu estatuto focal é classificado como foco identificacional [- contrastivo].

Lembramos que quando o elemento focalizado for classificado como foco [+ contrastivo] ele estará em CAIXA ALTA, e quando classificado como foco [- contrastivo] estará em *itálico*.

3.3.3.2 Estatuto sintático do constituinte focalizado

Observando a função sintática do constituinte focalizado, buscamos, observar se tal função favorece algum tipo de construção clivada utilizada pelo falante. A função sintática do constituinte focalizado deve ser entendida como sua função sintática na sentença não marcada:

(9) a) **É Lula que** vai ganhar as eleições. (Sujeito = Lula vai ganhar as eleições.)

b) **O que** o povo quer é saúde e educação. (Objeto Direto = O povo quer saúde e educação).

c) **Para ela é que** eu não vou dar o presente. (Objeto indireto = Eu não vou dar o presente para ela.)

- d) *Em Brasília* **é que** mora o nosso problema. (Adjunto Adverbial = O nosso problema está *em Brasília*.)

3.3.3.3 A categoria do constituinte focalizado⁴

Verificamos, com a escolha desse fator, se a categoria da palavra focalizada condiciona o uso de determinado tipo de sentença clivada e se alguma categoria é mais produtiva em alguma estratégia de clivagem:

A) DP

- (10) a) **Quem** passou na seleção **foi** *Gutemberg*.
 b) **Foi** *ele* **que** comprou o livro.
 c) *Nossa casa* **é que** vai ser reformada.

B) AdvP

- (11) a) *Aqui* **é que** é um lugar bom de se viver.
 b) **É** *bem rápido* **que** nós fazemos o lanche.

C) PP

- (12) a) **É** *por isso* **que** eu não quero que ele viaje.
 b) *De avião* **é que** eu quero ir para São Paulo.

D) AdjP

- (13) a) **É** *longo* **que** é aquele vestido
 b) *Bonito* **é o que** João é.

⁴ As siglas utilizadas nesta seção vêm do inglês. São elas: DP (*determiner phrase*); AdvP (*adverb phrase*); PP (*prepositional phrase*); AdjP (*adjective phrase*); AdvS (*adverbial sentence*); IP (*inflectional phrase*)

E) AdvS

- (14) a) QUANDO EU FIZ QUINZE ANOS **é que** eu podia sair sozinho.
 b) *Quando eu comprei o carro* **é que** comecei a dirigir.

F) InfP

- (15) **O que** ele fez **foi** comprar revistas.

3.3.3.4 Presença de um outro marcador especial de foco

O português dispõe de marcadores especiais de foco como ‘até’, ‘o próprio’, ‘mesmo’, ‘só’, como podemos ver nos exemplo em (16):

- (16) Tinha muita gente na festa?
 a) Sim, até *Pedro*.
 b) Sim, o próprio *Mário* estava presente.
 c) Sim, mesmo *Maria*, que não gosta de festas.
 d) Sim, só *João* não estava.

Podemos perceber em (16) que os elementos ‘até’, ‘o próprio’, ‘mesmo’ e ‘só’ marcam, como foco, os constituintes em itálico. Levantando os dados para a pesquisa percebemos a presença freqüente do marcador ‘só’; assim sendo, resolvemos observar o comportamento desse elemento nos dados selecionados, verificando a posição em que ele aparece e com que freqüência. Vale salientar que Brito (2003) classifica o elemento ‘só’ como um advérbio restritor, que exprime um valor de intensificação e focalização; por isso acreditamos que o falante, ao utilizar a clivagem, que já é um marcador focal, aliado ao constituinte ‘só’ realmente tem a intenção de destacar uma informação no discurso.

- (17) a) No meu tempo **era** só *vestidos longos* **que** se usavam.
 b) Só *frutas* **é que** eu preciso comprar
 c) **É** só *criança* **é que** pode brincar aqui.

- d) (Foi) Só João **que** comeu
- e) **O que** eu tenho é só o VOLUME DOIS.
- e) Nas vitrines **o que** se vê é só macaquinho.
- f) É só João **quem** sabe dançar.

3.3.3.5 Pessoa do discurso

Utilizamos esse fator estrutural com o objetivo de verificar a realização ou não de concordância dentro do sintagma verbal (VP⁵), uma vez que os diversos tipos de construções clivadas possuem estratégias discursivas diferentes, assim como características diversas, podendo ou não desencadear concordância. Para analisarmos esse fator, se fez necessário identificar os valores de pessoa-número do sujeito focalizado.

A) Pessoa do discurso correspondente a *eu*

| Cópula | Pessoa | Número |
|---------|----------|----------|
| sou/fui | + pessoa | - plural |

- (18) a) **Sou** eu **que** trabalho aqui.
- b) **Fui** eu **que** trabalhei aqui.

B) Pessoa do discurso correspondente a ele (a) / *você*⁶

| Cópula | Pessoa | Número |
|-------------------|---------|---------|
| <u>É</u> /foi/era | -pessoa | -plural |

- (19) a) **É** João **que** faz o trabalho.
- b) **Foi** ele **que** fez o trabalho.
- c) **Era** ela **que** fazia o trabalho.

⁵ Do inglês *verbal phrase*.

⁶ O pronome “você” foi considerado menos pessoa por não exigir marca de concordância no verbo.

C) Pessoa do discurso correspondente a *nós*

| Cópula | Pessoa | Número |
|---------------|---------------|---------------|
| Somos / fomos | + pessoa | + plural |

(20) **Fomos / Somos** nós **que** preparamos a festa surpresa.

D) Pessoa discurso correspondente a *eles*

| Cópula | Pessoa | Número |
|--------------------|---------------|---------------|
| São / foram / eram | - pessoa | + plural |

(21) a) **São** eles **que** visitam a escola.

b) **Foram** eles **que** visitaram a escola.

c) **Eram** eles **que** visitavam a escola.

Podemos perceber, nos exemplos de (18) a (21), que a flexão número-pessoa da cópula identifica a pessoa do discurso.

Evidentemente, as clivadas poderiam ocorrer sem estas marcas de pessoa na cópula como ilustrado nas seguintes possibilidades:

(22) a) **É** *eu* **que** faço o bolo.

b) **Foi** ELES **que** estavam na festa.

c) **Foi** *os gatos* **que** comeram os peixes.

A pesquisa procura observar qual tipo de realização de concordância da cópula é atestado no PE rural.

3.3.3.6 Concordância de número entre a cópula e o constituinte focalizado

Com esse fator estrutural, investigamos se há ou não realização de concordância de número entre a cópula e o constituinte focalizado nas construções clivadas. Consideramos apenas as pessoas do discurso que possuem a marca de pessoa e / ou número.

a) com concordância

(23) a) **Fui** *eu* **que** engordei.

b) **O que** eles querem **são** *as tirinhas*.

c) **Fomos** *eu, João e Maria* **que** comemos as maçãs.

b) sem concordância

(24) a) **Foi** *eles* **que** engordaram.

b) **O que** eles querem **é** *as tirinhas*.

c) **Foi** *eu, João e Maria* **que** comemos as maçãs.

3.3.3.7 Concordância temporal entre a cópula e o verbo da oração encaixada

Traçamos um paralelo entre a cópula e o verbo da sentença encaixada, verificando se há ou não concordância número-temporal entre eles, nas construções clivadas.

A) [+ concordância]

a) Presente

(25) **É** *por isso* que eu **gosto** de ir ao teatro.

b) Pretérito perfeito

(26) **Fui** *eu* que **paguei** a entrada do show.

c) Pretérito imperfeito

(27) **Era** *com maiôs* que se **ia** às praias.

d) Futuro do presente e do pretérito

- (28) a) Quem arrumará/vai arrumar as compras **será** Pedro.
 b) **Será Pedro** quem **arrumará** as compras.

B) [- concordância]

- (29) **É** *aquele vestido* que eu **vou comprar** para ir à festa.

Como podemos notar, no exemplo em (29), existe a possibilidade de não haver um paralelismo modo-temporal entre a cópula e o verbo da sentença encaixada.

3.3.3.8 Animacidade do termo focalizado

Observamos os contextos favorecedores das características [+] Humano e [-] Humano, verificando se estão ligados ao estatuto sintático do constituinte focalizado. Verificamos se a focalização do constituinte sujeito aparece com mais frequência com o traço [+] Humano, uma vez que sabemos da possibilidade de essa função focalizar elementos com traço [-] Humano, e se a focalização dos constituintes objeto e adjunto estão mais relacionados ao traço [-] Humano.

A) [+] Humano

- (30) a) Homem é que gosta de futebol. (Homem = sujeito)
 b) Foi a arma que disparou. (a arma = sujeito)

B) [-] Humano

- (31) a) O que eu não como é salada. (Objeto direto = salada)
 b) Quando eu viajo é nas férias. (Adjunto adverbial = nas férias)

Notem que, em (30b), o constituinte focalizado assume a função de sujeito, porém possui traço [-] humano.

3.3.4 Leitura das tabelas

Levamos em consideração todos os tipos de construções clivadas encontradas nos dados, independente do número de ocorrências de cada um. Os números apresentados nas tabelas mostram a frequência e a porcentagem dos diferentes tipos de clivadas, assim como os fatores estruturais selecionados para a análise dos dados.

Também foram computadas nas tabelas as sentenças nas quais os transcritores do projeto CORDIAL-SIN sinalizam trechos inaudíveis, representados pelo seguinte símbolo: ‘(...)’. Exemplo:

(32) Que é aquela (...) é que era a cruz. (FLF19-N)

Registramos, no capítulo seguinte, o número de ocorrências computadas que possuem esse símbolo (c.f. 4.1.3).

4. ANÁLISE DOS DADOS

Codificamos os dados considerando os aspectos registrados no capítulo II, e nesta seção expomos os resultados das análises feitas, salientando que, quando houve necessidade, apresentamos os dados sob a forma de tabela, em que se incluem o número de ocorrências e o percentual.

4.1 DAS ESTRATÉGIAS DE CLIVAGEM NO PORTUGUÊS RURAL DE PORTUGAL

Com o objetivo de comparar o PE e o PB quanto às estratégias de clivagem, buscamos fazer o levantamento dos tipos de construções clivadas que ocorrem no PE rural. Para isso, constituímos um *corpus* a partir das transcrições de treze comunidades disponíveis no Cordial-sin.

Há entre 5 e 15 informantes por comunidade. Acreditamos que as comunidades que possuem o mesmo código foram agrupadas por se tratarem de comunidades pequenas com poucos informantes. Por exemplo, na tabela 2, a comunidade com a sigla AAL, que agrupa 6 freguesias distintas, apresenta apenas 13 informantes, um número que consideramos pequeno, comparado ao da comunidade de Outeiro (OUT), apenas uma freguesia, com um total de 15 informantes.

A tabela a seguir mostra, quantitativamente, o quadro geral de dados por comunidade, as comunidades que se encontram agrupadas, a sigla e o número de informantes por sexo, de cada uma delas:

Tabela 2 – Número de informantes por comunidade

| COMUNIDADES | Códigos das comunidades | Nº DE INFORMANTES | | Total de informantes por comunidade | |
|-----------------------------------|-------------------------|-------------------|-----------|-------------------------------------|------------|
| | | Masculino | Feminino | Nº | % |
| Vila Praia de Âncora | VPA | 10 | 1 | 11 | 10,1 |
| Castro Laboreiro | CTL | 1 | 5 | 6 | 5,5 |
| Perafita | PFT | 3 | 5 | 8 | 7,3 |
| Porches | PAL | 4 | - | 4 | 3,7 |
| Monsanto | MST | 3 | 7 | 10 | 9,2 |
| Fajãzinha | FLF | 2 | 3 | 5 | 4,6 |
| Outeiro | OUT | 8 | 7 | 15 | 13,8 |
| Covo | COV | 2 | 1 | 3 | 2,8 |
| Ponta Garça | MIG | 6 | 2 | 8 | 7,3 |
| Câmara de Lobos | CLC | 8 | - | 9 | 8,2 |
| Canical | | 1 | - | | |
| Camancha | PST | 4 | 1 | 6 | 5,5 |
| Tanque | | 1 | - | | |
| Arcos de Valdevez | MIN | 2 | 2 | 11 | 10,1 |
| Bade | | 3 | 3 | | |
| São Lourenço da Montaria | | - | 1 | | |
| Sapeira | AAL | 1 | 1 | 13 | 11,8 |
| Castelo de Vide | | 3 | 1 | | |
| Porto da Espada | | 2 | - | | |
| São Salvador de Aramenha | | 1 | 1 | | |
| Alpalhão | | 1 | - | | |
| Nisa | | 1 | 1 | | |
| Total geral de informantes | | 67 | 42 | 109 | 100 |

A quantificação dos dados revelou ocorrências de construções clivadas em todas as comunidades. O maior número de informantes está agrupado na comunidade de Outeiro, enquanto que o menor está na de Porches.

Foram depreendidas, dos *corpora* analisados, 630 ocorrências de clivagem, conforme indicado na tabela 3 abaixo:

Tabela 3 – Distribuição dos dados por comunidade

| MIG | AAL | VPA | PAL | MST | COV | CLC | OUT | PST | MIN | FLF | CTI | PFT | TOTAL |
|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-------|
| 140 | 76 | 53 | 51 | 48 | 44 | 44 | 37 | 37 | 33 | 27 | 22 | 18 | 630 |

O interessante a observar na tabela 3 é que a diferença do número de dados encontrados entre as comunidades não se deve à quantidade de informantes selecionados em cada uma delas para a constituição dos *corpora*, uma vez que as comunidades que realizam o maior e o menor número de construções clivadas, respectivamente, foram as comunidades de MIG (140 dados) e a de PFT (18 dados), e ambas possuem o mesmo número de informantes: 8. A comunidade de COV, apesar de dispor de apenas 3 informantes, apresenta 44 dados, e a comunidade de OUT, que dispõe de 15 informantes, apresenta apenas 37 dados.

4.1.1 Tipos de clivagem no PE rural

Os dados do PE rural se realizam em 8 tipos de estratégias de clivagem: a CLIV, a CLIV-inv, a CLIV-sem-cop, a CLIV-dup-cop, a PC, a PC-inv, a PC-red e a PCE. Nesta seção, analisamos os tipos encontrados no PE rural.

4.1.1.1 A construção CLIV

Das 630 ocorrências de construções clivadas encontradas nos *corpora* analisados, 86 sentenças são CLIV. Os dados do PE rural mostram que qualquer constituinte pode ser focalizado neste tipo de sentença:

(1) a) **É daí que** tem que vir tudo. (MST07-N))

a') **É com penas de madeira que** a gente fazia. (MIG16-N)

- b) **era muito dinheiro que** a gente trazia. (COV24-N)
 b') **era chapéus de Braga que** a gente usavam no tempo. (MIG17-N)
- c) **era a ela que** se dava depois o pão. (OUT29-N)
 c') **É disso que** usavam. (MIG17-N)
- d) **É a mulher que** vai semeando. (PAL22-N)
 d') **Foi a madrinha que** soltou. (CTL08-N)

Notamos que a CLIV possibilita que o falante focalize elementos com diferentes funções sintáticas: em (1a / a'), o falante focalizou elementos na função de adjunto adverbial; em (1b / b'), de objeto direto; em (1c / c'), de objeto indireto e complemento oblíquo, respectivamente; em (1d / d'), temos focalização de sujeito.

É interessante registrar que encontramos um exemplo em que a CLIV apresenta mais de um elemento na posição de foco:

- (2) **Era com esse, um melro morto, às vezes que** se punha lá num espeto para fingir que estava vivo, chamava-se-lhe negaça. (MIG15-N)

Em (2), o falante parece focalizar duas informações distintas: 'com esse' seguido de um aposto 'um melro morto', um peixe que se punha no espeto; 'às vezes', indicador da frequência em que o fato acontecia. Logo, há dois constituintes distintos: o primeiro na função de adjunto adverbial de instrumento e o segundo na função de adjunto adverbial de tempo.

Os resultados obtidos por Cortes (2006), em comunidades de afro-descendentes brasileiros, também indicam a possibilidade de dupla focalização em sentenças CLIV¹:

- (3) DOC.: Hum...

INF: ... primêra dama INIT que foi Eliana Ferrêra, **foi o prefeito de Planalto, em setenta e cinco que** mandô o tratô abri a estrada por aí pa fazê esse colégio aí. (CZ-06)

O autor explica que, em (3), o falante traz duas informações distintas: 'o prefeito', pessoa que mandou abrir a estrada; e 'setenta e cinco', a época em que aconteceu esse fato. Dessa forma,

¹ O exemplo em (3) foi retirado de Cortes (2006:68)

há focalização de dois constituintes: um na função de sujeito e outro na função de adjunto adverbial de tempo, respectivamente. Então, os exemplos apresentados em (2) e (3) parecem caracterizar casos de “dupla focalização”.²

Percebemos que a maioria das sentenças CLIV, no PE rural, possui a posição anterior à cópula preenchida por um expletivo nulo:

(4) a) **foi Dona Catilina que** disse que era bom. (OUT04).

a') *Expl ser* [XP [DP (a pessoa)] [CP Op [C' que...]]]]³

a'') *Expl foi* [XP *Dona Catilina* [DP (a pessoa) [CP Op [C' que disse que era bom.]]]]

b) **foi ele que** o fez.

b') *Expl ser* [XP *ele* [DP (a pessoa) [CP Op [C' que o fez.]]]]

embora exista a possibilidade de construções como aquelas em (5), onde há a presença de um pronome expletivo visível:

(5) a) Isto é *uma gata que* está aqui. (CLC25-N)

a) *Expl ser* [XP [DP (o animal)] [CP Op [C' que...]]]]

a'') *Isto é* [XP *uma gata* [DP (o animal) [CP Op [C' que está aqui.]]]]

b) Isso é *um chapéu que* a gente punha. (MIG17-N)

b') *Expl ser* [XP [DP (a coisa)] [CP Op [C' que...]]]]

b'') *Isto é* [XP *um chapéu* [DP (a coisa) [CP Op [C' que a gente punha.]]]]

4.1.1 2 A construção CLIV-inv

Esse tipo de construção, encontrado nos *corpora* analisados, também possibilita a focalização de constituintes com funções sintáticas diferentes:

(6) a) Aí é que está o problema nosso. (MIN18-N)

² Outros casos de dupla focalização serão apresentados nos itens 4.1.2.2 e 4.1.2.6.

³ As estruturas em (4 / 5 e 34) estão de acordo com aquelas apresentadas em Kato *et alii* (1996).

- a') DEPOIS DE EU TER CINQUENTA ANOS **é que** pendi ir à escola. (CLC11-N)
- b) *As azenhas* **é que** (naturalmente) não havia. (AAL21-N)
- b') *O peixe que não tinha consumo* **é que** eles se dividiam logo. (CLC14-N)
- c) À qualidade das uvas **é que** a gente lhe chama vedonhos. (AAL03-N)
- d) *Só de pedra* **é que** era moura. (MIN22-N)
- e) *A natureza* **é que** forma isto tudo. (PAL02-N)
- e') *Quem dorme no campo* **é que** observa essas... (AAL93-N)

Em (6a / a'), os constituintes focalizados têm a função de adjunto adverbial; em (6b / b'), de objeto direto; em (6c) de objeto indireto; em (6d), de adjunto adnominal; em (6e / e'), há focalização de sujeito. É interessante ressaltar que, dentre as 341 sentenças CLIV-inv encontradas, apenas duas são iniciadas por um pronome relativo: aquela exemplificada em (6e') e a que veremos mais adiante em (13).

Segundo Brito e Duarte (2003), a seqüência 'é que' das CLIV-inv é uma forma fixa, logo não admite marcas de tempo nem concordância. As autoras exemplificam essa impossibilidade com as sentenças em (7), já apresentadas em (19), no cap 1:

- (7) a) Os queijos **é que** os corvos comeram.
- b) *Os queijos **foi que** os corvos comeram.
- c) *Os queijos **são / foram que** os corvos comeram.

No entanto, nos dados do PE rural, o tipo CLIV-inv apresenta três dados em que a cópula varia no tempo. Apresentamos dois deles em (8):

- (8) a) *E a minha mulher* **foi que** fez o sarrabulho. (VPA42-N)
- b) *Eu* **era que** ia rezar a casa dos mortos quando morriam. (PFT31-N)

Podemos conjecturar que essa seqüência 'é que', como forma fixa, ainda esteja sendo assimilada em alguns dialetos europeus.

Outro fato interessante registrado é a duplicação do elemento ‘é que’⁴. Encontramos onze casos deste tipo de construção; alguns deles exemplificados logo abaixo:

- (9) a) *O ar é que é que* seca a madeira. (AAL48-N)
 b) *A minha mulher é que é que* estava lá como empregada. (AAL33-N)
 c) *Eles mesmo, lá na Caixa é que é que foi que* me ensinaram aquela coisa. (AAL33-N)

O elemento ‘é que’ em (9a / b) se duplica; no entanto, em (9c), há uma triplicação do elemento ‘é que’, sendo que a última seqüência varia em tempo ‘foi que’, além de haver dois constituintes distintos focalizados: um na função de sujeito ‘eles mesmo’ e outro na função de adjunto adverbial ‘na Caixa’. Consideramos essa construção equivalente a sentenças interrogativas e declarativas possíveis no PB, como ilustrado em (10) e (11) a seguir:

- (10) a) Quando **é que é que** você vai fazer isto?
 b) Quando **é que é que foi que** você foi fazer compras?
 c) Onde **é que é que** você vai?
 d) Onde **foi que é que** você foi?

11) *Maria é que (é) que* foi no shopping. (e não Antonia)

Não é apenas as construções CLIV que possibilitam a focalização de dois constituintes; também é possível focalizar mais de um constituinte em sentenças CLIV-inv:

- 12) a) *A Florestal, quando veio, é que* proibiu as ovelhas no concelho. (FLF58-N)
 b) *Este ano, já com medo, é que* comprei menos semente nova porque (também) aquilo custa muito dinheiro. (AAL30-N)⁵

Em (12a), a CLIV-inv focaliza um constituinte na função sintática de sujeito ‘A Florestal’; e um constituinte na função de adjunto adverbial ‘quando veio’; em (12b), a CLIV-inv focaliza dois adjuntos adverbiais: um indicando tempo ‘este ano’ e outro indicando modo ‘com medo’.

⁴ Encontramos essa possibilidade em sentenças que denominamos neste trabalho de CLIV-dup-cop, o que veremos na seção 4.1.2.3.

⁵ É possível que não haja dupla focalização, e sim uma adjunção de constituintes, como sugerido por Sônia Cirino (c.p.).

Computamos ainda dois exemplos de um tipo diferente de sentença CLIV-inv; aquele em (6e') repetido em (13a) e o exemplo em (13b):

- (13) (a) Quem dorme no campo **é que** observa essas... (AAL93-N)
 (b) quem as tecias **é que** remetia para lá aquelas maranhas. (MST19-N)

Note-se que os exemplos em (13) iniciam-se com um pronome relativo, o que geralmente ocorre nas PC.

4.1.1.3 A construção CLIV-dup-cop

Registramos 29 sentenças de CLIV-dup-cop. Estas construções caracterizam-se, obviamente, por apresentar duas cópulas. Assim como as sentenças CLIV e CLIV-inv, possibilitam a focalização de constituintes com diferentes funções sintáticas:

- (14) a) **Era broa é que** a gente fazia! (MIN19-N)
 a') **É ficá ficá ficá ficá é que** lhe chamam. (AAL 86-N)
 b) **É só o mestre é que** manda. (VPA03-N)
 b') **É só a irmã é que** está aí. (COV09-N)
 c) **Foi quando ele apareceu é que** aconteceu isso. (COV25-N)
 c') **É com aquele material de vido é que** ele faz o ninho. (CTL21-N)

Em (14a / a'), o constituinte focalizado está na função de objeto direto; em (14b / b') na função de sujeito e em (14c / c'), o constituinte focalizado realiza a função de adjunto adverbial.

Braga (1991) apresenta um exemplo de CLIV-dup-cop, analisando-o como “duplo foco”:

- (15) F: ... O rombo tá muito grande (X)... O rombo é muito grande. Então pa eles tentar fechar, quem sofre é a gente, rapaz! **É a gente é que** sofre. Gasolina subindo todo dia! Todo dia a gasolina sobe agora! Já tá cento e quarenta e cinco. Aumentou agora semana passada. Tem condição? (Braga: (1991:112))

mas concordamos com a análise realizada por Cortes (2006) em relação à sentença apresentada em (15), no sentido de que a construção ‘*É a gente é que sofre*’ não é um exemplo de duplo foco; o que acontece é um reforço do constituinte focalizado ‘*a gente*’ através da manutenção, no lugar do apagamento, da cópia da cópula gerada no VP. Logo, a sentença em (15) caracteriza-se por apresentar duas cópulas (CLIV-dup-cop).

Assim como a CLIV-inv, as construções com dupla cópula também apresentaram exemplo com duplicação do segmento ‘é que’⁶:

(16) **É por causa disso é que é que** chamavam o ladrão. (AAL12-N)

Das 29 construções com dupla cópula encontradas, 9 não apresentam concordância temporal entre a primeira e a segunda cópula:

(17) a) **era** SEMPRE NA RODA **é que** fiava. (FLF18-N)

b) **Foi** quando ele apareceu **é que** aconteceu isso. (COV25-N)

Parece que o falante prefere utilizar apenas a primeira cópula para situar o tempo do discurso, mantendo o segmento ‘é que’ como uma forma fixa, como normalmente acontece na CLIV-inv, uma vez que encontramos apenas um exemplo de CLIV-dup-cop com variação temporal na cópula da forma ‘é que’:

(18) **foi** OS DA MINHA IRMÃ, **foi os que** (ele) levou. (OUT15-N)

4.1.1.4 A CLIV-sem-cop

Um dos objetivos desta pesquisa foi verificar a possibilidade da realização da CLIV-sem-cop no PE rural, visto que alguns estudos realizados sobre clivagem no português citam esse tipo como típico do PB (cf. Kato e Ribeiro (2005), Cortes (2006)), uma vez que,

⁶ Sentimos dificuldades na análise de construções com dupla cópula e com duplo ‘é que’; notamos que alguns estudos que tratam sobre o fenômeno clivagem (cf. Modesto (2001), Kato *et alii* (1996), Brito e Duarte (2003)) não dão conta destes tipos de construções realizadas no PE rural.

até então, pesquisas sobre o fenômeno no PE culto não apontavam a presença dessas construções.

Computamos 9 realizações do tipo CLIV-sem-cop, o que é suficiente para afirmarmos que este tipo de estrutura não é exclusivo do PB, visto que há um tipo de CLIV-sem-cop no PE rural. Como o próprio nome já diz, esse tipo de construção caracteriza-se por não realizar foneticamente a forma do verbo copulativo. O fato da CLIV-sem-cop não realizar o verbo copulativo não a impede de focalizar constituintes com diferentes funções sintáticas, como ocorre nos tipos já citados:

(19) a) Parece que *na Suíça* **que** dão muita importância a essas coisas. (AAL04-N)

a') agora ouviamos falar que EM LISBOA **que** as varinas apregoavam lá carapau e aqui era charro. (PAL09-N)

b) (O) PEIXE-CAVALO, **que** mata-se mais fora. (CLC02-N)

c) Eu sei que *ele* **que** anda nas Rasas. (MST02-N)

c') Mas sei que OS BORREGUINHOS **que** ficam separados. (MST02-N)

Em (19a / a'), os constituintes focalizados têm a função de adjunto adverbial; em (19b), a de objeto direto; em (19c / c') a de sujeito.

Das nove sentenças de CLIV-sem-cop encontradas no PE rural, apenas duas parecem ocorrer na oração principal: a registrada em (20a) e aquela apresentada em (19b), repetida em (20b):

(20) a) O tempo das 'cardelas' é agora no mês (...) AGORA **que** entra. (OUT07-N)

b) O coelho, não (...).(O) PEIXE-CAVALO, **que** mata-se mais fora. (CLC02-N)⁷

As demais sentenças estão sempre na oração encaixada, como em (19a / c / c'), e em outros exemplos apresentados em (21). Podemos então pensar na possibilidade desse tipo no PE rural ser diferente daquele que ocorre no PB, visto que as CLIV-sem-cop no PE rural ocorrem basicamente em sentenças subordinadas:

21) a) Parece que *eu* **que** ouvia falar nessa coisa. (AAL18-N)

⁷ É evidente, como apontado por Dante Lucchesi (c.p.), que os sinais (init) podem configurar o apagamento da cópula.

b) Metia-se-me cá na idéia que ELAS **que** não eram capazes de aprender. (MST12-N)

Interpretando a CLIV-sem-cop como o resultado do apagamento da cópula, poderíamos pensar que a cópula poderia estar localizada: a) antes do constituinte focalizado formando uma CLIV (22a); b) após o constituinte focalizado resultando em uma CLIV-inv (22b); c) antes e depois do constituinte focalizado, o que a identificaria como uma CLIV-dup-cop (22c);

(22) a) Parece que *(era) eu* **que** ouvia falar nessa coisa.

b) Parece que *eu (é/era)* **que** ouvia falar nessa coisa.

c) Parece que *(era) eu (é)* **que** ouvia falar nessa coisa.

Esse tipo de recomplementação já estava presente em texto do século XIV, conforme mostra Ribeiro (1993) em enunciados observados na versão portuguesa do documento Diálogos de São Gregório (DSG):

(23) a) mandou-lhi dizer **que el que** o ia ver (2.14.4)

b) rogo-te **que se te nembras dālguus que** mhãos digas (1.31.40)

Segundo Ribeiro (1993), esse tipo de construção deixa de ser atestada no século XVI, quando aparecem as primeiras construções com *é que*. A autora chama esse tipo de construção de estrutura completiva com recomplementação e registra que estas construções são frequentes nos DSG. Mostra que entre as duas realizações de ‘que’ ocorre um constituinte sintagmático, às vezes uma sentença adverbial como em (23b), outras um DP pronome como em (23a), e que estes constituintes geralmente eram analisados como um tópico, raramente eram focos, o que as diferenciam das construções encontradas no PE rural, uma vez que analisamos os elementos entre os dois ‘que’ sempre como um foco.

Observem as sentenças do PE rural em (21) repetidas em (24), que também possuem dois ‘que’ complementadores e entre eles um constituinte - um NP pronominal:

(24) a) Parece **que eu que** ouvia falar nessa coisa. (AAL18-N)

b) Metia-se-me cá na idéia **que ELAS que** não eram capazes de aprender. (MST12-N)

Podemos então pensar que as sentenças encontradas nos *corpora* do PE rural são inovadoras em relação às aquelas do DSG, uma vez que possibilitam que o elemento entre os dois ‘que’ seja identificado como foco.

Diante do exposto, chegamos à conclusão de que há um tipo de CLIV-sem-cop no PE rural, mas restrito a sentenças subordinadas, com exceção dos raros exemplos apresentados em (20). Dessa forma, julgamos que a sintaxe da CLIV-sem-cop no PE parece ser diferente da sintaxe daquela do PB. Então conjecturamos que a CLIV-sem-cop no PB se originou de uma forma independente daquela no PE. Logo, poderíamos pensar, seguindo Ribeiro (2003), na possibilidade de este tipo de sentença no PE rural ter surgido de um processo de reanálise das sentenças de recomplementação encontradas em textos portugueses do século XIV; no que diz respeito ao PB, as CLIV-sem-cop resultariam da reanálise da focalização com recomplementação atestada na fala dos informantes do PE rural, passando o PB a generalizar este uso para os contextos de sentenças matrizes. Sendo assim, a presença da CLIV-sem-cop no PE indica a continuidade gramatical no PB, não uma inovação gramatical. Evidentemente que esta hipótese deve ser melhor analisada através de estudos mais ampliados, enfocando a análise de outros dialetos e a de registros diacrônicos.

4.1.1.5 A construção PC

A PC não se diferenciou muito das sentenças acima analisadas no que diz respeito à possibilidade de focalização de constituintes com funções sintáticas diversas. Lembramos que a PC é um tipo de clivagem cujo sujeito é uma sentença relativa e o elemento focalizado é o complemento da cópula; desta forma, o foco será sempre um predicativo. Então, quando realizamos a leitura da função sintática do constituinte focalizado, nesta pesquisa, classificamo-lo como se ele não tivesse sido clivado:

(25) a) **Onde** é que está mais encapelado, em geral, é NAS PONTAS. (VPA13-N)

a’) **Onde** havia muitos, muitos **era** além em *Penha Garcia*,... (MST-28N)

b) **O que** é preciso é *a gente dar com elas*. (PAL08-N)

b’) **O que** se usa no Alentejo é isto. (AAL26-N)

- c) **O que** interessa é O ROUBO. (VPA20-N)
 c') **Quem** o compra muito é *o espanhol*. ((VPA10-N)

- d) **O que** são é MAIORES. (AAL70-N)

Então em (25a), por exemplo, teríamos a ordem direta como “Está mais encapelado, em geral, nas pontas”; assim, a função sintática de ‘nas pontas’ é adjunto adverbial. Em (25a’), o constituinte focalizado realiza a mesma função daquele em (25a); em (25b / b’) a focalização é de objeto direto; em (25c / c’) de sujeito e em (25d) é de predicativo do sujeito.

Nos exemplos a seguir, os pronomes relativos concordam com certos traços dos constituintes focalizados. Em (26a), o pronome ‘quem’ concorda com o traço [+humano] de ‘a minha mulher’; enquanto que em (26b), ‘o que’ concorda com o traço [- humano] de ‘a estopa’.⁸

- (26) a) **Quem** fez o sarrabulho **foi** a *minha mulher*. (VPA42-N)
 b) **O que** tiravam **era** a *estopa*. (MST15-N)

Registramos ainda exemplos de PC que possuem um elemento antecedendo o pronome relativo:

- (27) a) a terra mais **que** havia pilado **era** *esta*. (VPA29-N)
 b) O mais **que** (ele) moía **era** *milho*. ((PST20-N)
 c) o mais **que** eu tecia **era** (em) *lã*. (FLF23-N)

Dessa forma, além da composição básica - relativa encabeçada por um pronome relativo -, verifica-se a composição nome + elemento ‘que’.

4.1.1.6 A construção PC-red

⁸ As PC se diferenciam das demais construções clivadas por possuírem um pronome relativo que contém alguns traços de concordância que identificam a categoria vazia que ocupa a posição de núcleo da relativa.

As PC-red caracterizam-se por apresentar os mesmos traços da PC, embora possuam o elemento “QU” apagado:

(28) a) (*Onde*) eu fiava **era** NA RODA.(FLF18-N)

b) (*O que*) ele queria **era** AS TERRAS. (COV20-N)

Um dos nossos objetivos era verificar a possibilidade de focalização de sujeito na PC-red nos *corpora* analisado, visto que Brito e Duarte (2003) atestaram a impossibilidade de focalização de constituintes assumindo essa função sintática no PE culto.

Analisamos nossos dados e verificamos que a PC-red no PE rural, assim como no PE culto, e diferentemente das demais construções clivadas encontradas nesta pesquisa, não permitem a focalização de sujeito. Todos os exemplos atestados, como os apresentados a seguir, focalizam constituintes com função sintática de não sujeito.

(29) a) Mas ele queria **era** AS TERRAS. (COV20-N)

a') O polvo tem mas **é** *cada novelo em si*. (MIG25-N)

b) tudo gosta **é** *de carne fresca*.(PST09-N)

b') eu agora uso **é** DISSO.(MIG46-N)

c) Agora peguei **foi** *por curiosidade*. (MIG49-N)

c') Porque eu se tivesse lugar, eu botava **era** *aqui*. (MIG56-N)

Em (29a / a'), o falante focalizou elementos na função de objeto direto; em (29b / b'), de objeto indireto e complemento oblíquo, respectivamente; em (29c / c'), de adjunto adverbial.⁹

Não são apenas as construções CLIV e CLIV-inv que possibilitam a dupla focalização de constituintes; também registramos esse fenômeno nas sentenças PC-red:

(30) A gente tem **é** *lá cimento*, e ela adere-se. (MIG30-N)

Em (30), há focalização de um adjunto adverbial ‘lá’ e um objeto direto ‘cimento’. Aachamos possível que a sentença em (30), no PB, possa se realizar da seguinte forma: “A gente tem **é** *cimento lá*”. ou assumir a forma de uma PC: “**O que** a gente tem lá **é** *cimento*”

Algumas sentenças PC-red registradas apresentam o verbo da oração encaixada elíptico:

⁹ Lembramos que, estamos classificando sintaticamente o constituinte focalizado na PC-red, como se ele não tivesse sido clivado. Desta forma, chamamos o complemento da cópula de argumento.

(31) a) E a gente até, a gente *é por carta*. (MIG55-N)

a') E a gente até, a gente (tecem) *é por carta*¹⁰

b) E aqui *é pimento*. (OUT51-N)

b') E aqui (chamam) *é pimento*.

Os verbos que aparecem entre parênteses, nos exemplos em (31), estão elípticos. Conseguimos identificá-los através do contexto.

4.1.1.7 A construção PC-inv

As 21 ocorrências de PC-inv computadas, apenas apresentam a focalização de argumentos do verbo:

(32) a) O MAIS VELHO **é o que** morreu, o Artúlio. (COV10-N)

a') *o tecto duma casa é o que* fica por cima. (PST22-N)

b) *Estes são os que* fiz hoje. (MST01-N)

b') *Isso é o que* eu não posso dizer. (PFT04-N)

Observe que, em (32a / a'), o constituinte focalizado assume a função de sujeito e em (32b / b') de objeto direto.

4.1.1.8 A construção PCE

Segundo Cortes (2006), não foram registrados números relevantes da construção PCE em *corpora* do português afro-descendente-brasileiro; o mesmo aconteceu nos do PE rural aqui analisados. Encontramos apenas três exemplos de sentenças PCE; são eles:

¹⁰ O verbo havia aparecido antes com essa mesma declinação.

(33) a) **Fui eu quem** (lhe) paguei-lhe o caixão. (PFT29-N)

a') Mas já **fui** EU E OS MEUS FILHOS **quem** a compusemos... (PFT21-N)

b) portanto, não **é asneiras o que** ele diz. (PAL16-N)

Nos exemplo em (33a / a'), a PCE focaliza um constituinte na função de sujeito, enquanto que em (33b) na de objeto direto.

Não registramos ocorrência de dado que apresentasse o XP e o DP preenchidos como aquele encontrado por Cortes (2006) em comunidades de afro-descendentes:

(34) **é** essa aqui a cana **que** eu falei. (CZ-8)

é [_{XP} essa aqui [_{DP} a cana [_{CP} Op [_{C'} **que** eu falei.]]]]

Notem que, em (34), o XP é preenchido por 'essa aqui' e o DP por 'a cana'.

4.1.2 As ocorrências computadas

Nesta seção, mostramos um estudo de cada fator estrutural explanado na metodologia. Apresentamos tabelas com os resultados numéricos e os percentuais correspondentes a cada tipo de construção clivada encontrada e a análise de cada uma delas, estabelecendo uma comparação, sempre que possível, entre os resultados que obtivemos e os registrados em alguns estudos já realizados sobre o mesmo fenômeno no português.

A tabela 4 mostra numericamente os resultados totais de ocorrências dos tipos de clivadas encontrados por comunidades:

Tabela 4 - Distribuição das construções clivadas segundo as comunidades

| Tipos construções | COMUNIDADES / NÚMERO DE OCORRÊNCIAS | | | | | | | | | | | | | |
|-------------------|-------------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-------|
| | MIG | AAL | VPA | PAL | MST | COV | CLC | OUT | PST | MIN | FLF | CTL | PFT | Total |
| CLIV | 29 | 3 | 4 | 10 | 8 | 4 | 7 | 7 | 4 | 4 | 3 | 3 | - | 86 |
| CLIV-inv | 61 | 55 | 21 | 26 | 23 | 30 | 25 | 17 | 21 | 22 | 17 | 13 | 10 | 341 |
| CLIV-sem-cop | - | 2 | - | 2 | 3 | - | 1 | 1 | - | - | - | - | - | 9 |
| CLIV-dup-cop | 5 | 3 | 3 | 2 | 2 | 2 | 4 | 3 | - | 1 | 2 | 2 | - | 29 |
| PC | - | 9 | 17 | 5 | 8 | 1 | 3 | 5 | 2 | 1 | 1 | 2 | 1 | 55 |
| PC-red | 44 | 3 | 6 | 3 | 3 | 5 | 2 | 4 | 7 | 4 | 2 | 1 | 1 | 85 |
| PC-inv | 1 | 1 | 2 | 2 | 1 | 2 | 2 | - | 3 | 1 | 2 | 1 | 4 | 22 |
| PCE | - | - | - | 1 | - | - | - | - | - | - | - | - | 2 | 3 |
| TOTAL | 140 | 76 | 53 | 51 | 48 | 44 | 44 | 37 | 37 | 33 | 27 | 22 | 18 | 630 |
| TOTAL % | 22 | 12 | 8 | 8 | 8 | 7 | 7 | 6 | 6 | 5 | 4 | 4 | 3 | 100 |

A quantificação dos dados revelam ser as CLIV-inv as construções mais realizadas pelos falantes em todas as comunidades, enquanto que as PC-inv são as de menor frequência. Na maioria das comunidades, as CLIV-sem-cop e a PCE não aparecem, já as CLIV-dup-cop só não ocorrem nas comunidades de PST e PFT, enquanto que as CLIV, PC e a PC-inv só deixam de ocorrer em uma comunidade.

A seguir, mostramos o percentual total dos tipos de clivagem encontrados nos *corpora* analisados:

Tabela 5 – Distribuição das construções clivadas encontradas no português europeu rural¹¹

| Tipos de Clivagem | Ocorrências | Percentuais |
|-------------------|-------------|-------------|
| CLIV-inv | 341 | 54,1% |
| CLIV | 86 | 13,7 % |
| PC-red | 85 | 13,5% |
| PC | 55 | 8,7% |
| CLIV-dup-cop | 29 | 4,6% |
| PC-inv | 22 | 3,5% |
| CLIV-sem-cop | 9 | 1,4% |
| PCE | 3 | 0,5% |
| Total | 630 | 100% |

Como mostram os números da tabela 5, registramos um total de 630 dados distribuídos em 8 tipos de construções clivadas, correspondendo à seguinte descrição:

¹¹ Conforme informamos no item 3.3.4, computamos também na tabela 5 as sentenças com trechos considerados inaudíveis pelos transcritores dos *corpora* analisados nesta pesquisa. Registramos 38 construções CLIV-inv; 6 CLIV; 13 PC-red; 8 PC; 3 CLIV-dup-cop; 4 PC-inv; 1 CLIV-sem-cop com estas características.

- a) as CLIV-inv são as construções que predominam nos dados analisados. Foi o tipo que apresentou o maior número de ocorrências 341, correspondendo a 54,1% do total;
- b) os seguintes tipos mais frequentes, com 86 e 85 ocorrências, respectivamente, foram a CLIV e a PC-red, correspondendo a 13,7% e 13,5% do total;
- c) a PC foi um tipo que teve um percentual de 8,7%, o que equivale a 55 ocorrências;
- d) as CLIV-dup-cop e PCs-inv apresentaram apenas 7 ocorrências de diferença, um total de 29 e 22 dados, equivalendo a 4,6% e 3,6%;
- e) as CLIV-sem-cop, tipo que ainda não havia sido citado como uma possível realização do PE, apresentou 9 dados;
- f) as PCE são construções pouco frequentes. Apresentaram o menor número de ocorrências: 3, o equivalente a 0,5%.

A figura abaixo visualiza melhor o número de ocorrências de clivagem encontrado nos corpora trabalhados:

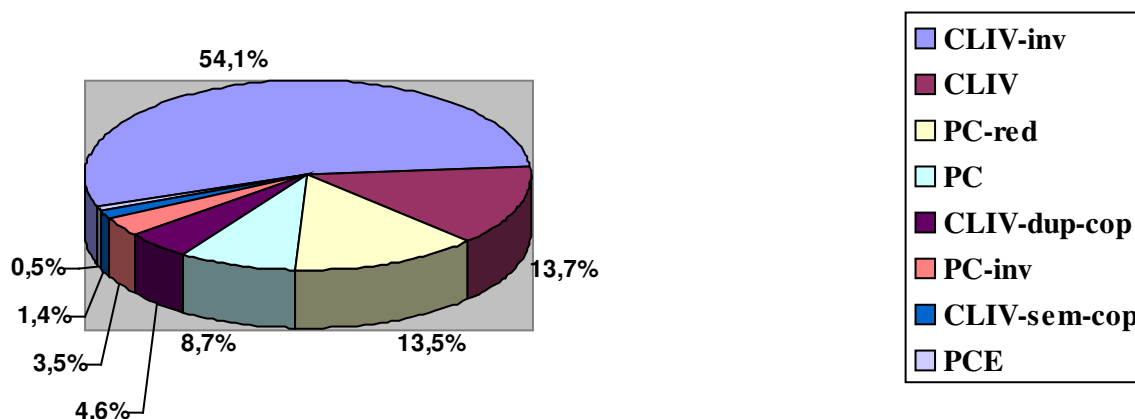


Figura 1 - Distribuição das construções clivadas encontradas no português europeu rural

Apresentamos, a seguir, uma tabela com os resultados dos estudos de Kato *et alii* (1996) e Cortes (2006), estabelecendo comparações com os resultados obtidos na análise dos nossos dados:

Tabela 6 – Resultados de algumas pesquisas realizadas sobre clivagem em alguns dialetos portugueses

| Tipos de clivagem | Português Rural Europeu - PRE | | Português Rural Afro-Brasileiro - PRAB | | Português Brasileiro Culto – PBC | |
|---------------------|-------------------------------|------|--|-----|----------------------------------|------|
| | ocorrências | % | ocorrências | % | ocorrências | % |
| CLIV-inv | 341 | 54,1 | 57 | 15 | 66 | 51,1 |
| CLIV | 86 | 13,7 | 123 | 33 | 25 | 19,4 |
| PC-red | 85 | 13,5 | 22 | 6 | - | - |
| PC | 55 | 8,7 | 93 | 25 | 38 | 29,5 |
| CLIV-dup-cop | 29 | 4,6 | - | - | - | - |
| PC-inv | 22 | 3,5 | - | - | - | - |
| CLIV-sem-cop | 9 | 1,4 | 81 | 21 | - | - |
| PCE | 3 | 0,5 | - | - | - | - |
| Total | 630 | 100 | 376 | 100 | 129 | 100 |

Kato *et alii* (1996) consideram, em sua pesquisa, apenas três tipos quantitativamente relevantes: a CLIV-inv, a CLIV e a PC; já Cortes (2006) considerou 5 tipos: a CLIV-inv, a CLIV, a PC-red, a PC e a CLIV-sem-cop. Comparando os resultados, constatamos o seguinte:

- a) entre as realizações de clivagem nos *corpora* utilizados na nossa pesquisa, os falantes optam com mais frequência pelas CLIV-inv, pois foi a estratégia que apresentou o maior número de ocorrências em nossos resultados: 54%, um percentual quase que equivalente ao encontrado no PBC: (51%) e maior que o encontrado no PRAB (15%). Ressaltamos que esse tipo corresponde ao de maior frequência, tanto no PRE quanto no PBC;
- b) apesar de a CLIV ter sido, no nosso estudo, o segundo tipo mais frequente, juntamente com a PC-red, apresentou um percentual de 13,7%, valor menor do que o encontrado em PRAB (33%) e no PBC (19,4%);
- c) a PC-red, com cerca de 13,5%, teve um percentual maior que o encontrado no PRAB (6%), destacando-se o fato de esse tipo ser o que apresenta a menor frequência no PRAB;
- d) encontramos 29 construções de CLIV-dup-cop, número que consideramos interessante, dado o tipo de estrutura dessas sentenças, que, assim como as PC-inv, não foram computadas em outras pesquisas utilizadas para estabelecer comparações com o nosso trabalho;
- e) a CLIV-sem-cop apresentou um percentual reduzido em relação ao encontrado no PRAB: 1,4% para 22%, mas muito significativo para nossa pesquisa;
- f) o tipo de menor ocorrência foi a PCE que representa apenas 0,5% do total de dados encontrados.

Observamos os resultados entre as pesquisas e podemos dizer que os nossos assemelham-se àqueles apresentados em *corpora* do PBC, o que indica uma tendência do PB culto e do PE rural de usar estratégias de CLIV-inv quando quer focalizar um constituinte.

Notamos que o dialeto culto do PB tem preferência pelo uso de estratégias consideradas por Cortes (2006) mais ‘conservadoras’ (CLIV-inv, CLIV e PC), enquanto que o dialeto rural afro-brasileiro e o rural europeu, além desses tipos, utilizam bastante a PC-red, estratégia chamada por Cortes (2006) de ‘inovadora’.

A CLIV-sem-cop ocorre em número significativo no PRAB. Tal construção é considerada por Cortes (2006) um tipo inovador do PB por se tratar de uma estratégia que até então não havia sido atestada no PE e por ser mais usada pelos mais jovens. Discordamos do autor, pois a CLIV-sem-cop é uma estratégia que está presente nos nossos dados, apesar de esse tipo de construção, no PE rural, ocorrer geralmente em sentenças subordinadas, o que pode caracterizá-lo como um tipo diferente daquele realizado no PB; quanto à questão da idade dos informantes que realizam esta construção, nada podemos informar a respeito, visto que não controlamos esse fator. Um estudo em *corpora* de fala de informantes jovens do PE poderia ajudar a esclarecer mais algumas questões.

4.1.2.1 Resultados obtidos a partir da análise do estatuto focal do elemento focalizado

Analisamos semanticamente os contextos em que ocorrem os dados selecionados de acordo com a proposta de Kiss (1998), no que diz respeito aos valores [+ / - contrastivo]. Não investigamos, em todos os dados, as noções de informação dada ou nova, a não ser quando consideramos necessário para algumas análises nos dados e para estabelecer comparações com dados obtidos em outras pesquisas, como a de Kato *et alii* (1996) e Cortes (2006), que trabalharam com essas noções.

Tabela 7 – Distribuição dos tipos de sentenças clivadas segundo o estatuto focal

| Tipos de clivagem | Estatuto focal do constituinte focalizado | | | | | |
|-------------------|---|----|---------------|----|-------|-----|
| | + contrastivo | | - contrastivo | | Total | |
| | Nº | % | Nº | % | Nº | % |
| CLIV | 23 | 27 | 63 | 73 | 86 | 100 |
| CLIV-inv | 175 | 51 | 166 | 49 | 341 | 100 |
| CLIV-sem-cop | 6 | 67 | 3 | 33 | 9 | 100 |
| CLIV-dup-cop | 11 | 38 | 18 | 62 | 29 | 100 |
| PC | 23 | 42 | 32 | 58 | 55 | 100 |
| PC-inv | 4 | 18 | 18 | 82 | 22 | 100 |
| PC-red | 37 | 44 | 48 | 56 | 85 | 100 |
| PCE | 2 | 67 | 1 | 33 | 3 | 100 |

A quantificação dos dados revela que:

- a) os falantes tendem a utilizar a CLIV-inv seja na focalização de elementos com leitura [+contrastiva] (51%), seja na focalização de elementos com [-contrastiva] (49%);
- b) as CLIV favorecem a focalização de constituintes com estatuto [-contrastivo], com (73%) de ocorrências, contra (27%) [+contrastiva]; o mesmo acontece com as PC-inv: (82%) de elementos com estatuto [-contrastivo], contra (18%) [+contrastivo] e com a CLIV-dup-cop: (62%) [-contrastivo], contra (38%) [+contrastivo];
- c) as PC e PC-red, por sua vez, apesar de não apresentarem uma diferença tão significativa entre os dois fatores, como aquela nas PC-inv, tendem a exprimir com mais frequência o estatuto [-contrastivo], com (58% e 56%) respectivamente;
- d) as CLIV-sem-cop e as PCE tendem a focalizar elementos com leitura [+contrastiva], ambas apresentando o percentual de 67%;

Notamos que, apesar do comportamento diversificado, em relação ao estatuto focal do constituinte clivado, todas as estratégias possibilitam a focalização de constituintes com efeito [+ ou -contrastivo]. Observem-se os enunciados em (35) e (36):

- (35) Aquilo crescia, não é? (Então) quando estava assim grandinho, aquilo era mondado: tirava aquela erva (...) que não era boa (...) para o linho crescer. As mulheres – as raparigas – iam mondar aquilo. Nem sequer os homens (mondavam) /mondavam ele\\$. Se

tinham tempo, os homens também ajudavam a mondar. Mas quase sempre era AS RAPARIGAS que trabalhavam nisso. (MIG03-N)

(36) INF1 Este serve para cavar.

INQ Este, este?...

INF1 Serve para cavar. Que o meu marido tem um ali...

INQ Sim e tem?... E como é que se chama?

INF1 É também ancinho que a gente chama. (FLF33-N)

Em (35), o constituinte 'AS RAPARIGAS' na CLIV estabelece uma relação de contraste com 'os homens'. Já na CLIV em (36), '*também ancinho*' não estabelece uma relação contrastiva com os demais elementos do discurso. Note-se que 'AS RAPARIGAS' é uma informação que pode ser recuperada no discurso, no entanto '*também ancinho*' é um elemento que ainda não havia aparecido no discurso, logo se trata de uma informação dada e uma nova, respectivamente. A primeira com efeito [+ contrastivo] e a segunda [- contrastivo]. O contrário também pode acontecer:

(37) INF1 E é amarelinho. Esse passarinho, nós (tratamo-lo) sempre por passarinho-da-neve.

Quando é (...) que vem a neve, esse passarinho, antes dois ou três dias, anda. Já se vê andar.

INQ E andava aí ontem ou não?

INF1 Anda, sim senhor. Esse anda.

INF2 Anuncia a neve.

INF1 Anuncia a neve. Esse aí. (...) Desde sempre. Ainda nós éramos pequeninas, diziam: "Olhai... Vai nevar, meus filhinhos"! Diziam nossas avós: "Ali anda o passarinho-da-neve". Mas é muito pequerruchinha; não se apanha. Eu, esse, nunca o apanhei.

INF2 (...) Agora é A TELEVISÃO que anuncia. (CTL22-N)

(38) *INQ À dona do forno?*

INF A dona o forno, ela chamava-se Aurelina.

INQ Era a ela que se dava o pão?

INF Era a ela que se dava depois o pão. (OUT29)

Em (37), ‘A TELEVISÃO’ é uma informação nova no discurso e estabelece uma relação [+contrastiva] com ‘passarinho-da-neve’, quando o falante informa que ‘agora é a televisão que anuncia’, enquanto que antigamente era o passarinho. Notem que o efeito [+contrastivo] também se estabelece entre o ‘agora’ e ‘a época em que o falante era criança, ou seja, antigamente’. Em (38), o constituinte focalizado ‘*a ela*’, já havia sido veiculado pelo discurso na pergunta do documentador (‘Era *a ela* que se dava o pão?’); dessa forma o identificamos como um elemento já conhecido.

Como já comentado acima, as CLIV-inv também possibilitam a leitura [+ ou – contrastiva] dos elementos focalizados:

(39) a) *INQ1 Pois. Olhe, diga-me uma coisa, junto dos, do redil, do curral, às vezes há um corredor estreito.*

INF1 Não, aqui não.

INQ1 Aqui não.

INF1 Aqui não. (...) Isso usam isso é no Alentejo.

INF2 No Alentejo é que usam (...). NO ALENTEJO, **é que** usam isso, aqui não. (PAL37-N)

b) *INQ2 Aqui não há nada que se chame lingueirão, biqueirão, não há nada?*

INF2 Há, há. INF1 Há, há, há o biqueirão. Mas há (...) o biqueirão em Lisboa...

INQ1 Mas não é isto?

INF1 Em Lisboa há. **AQUI é que** não há. (CLC18-N)

(40) a) Naquele tubo enfiava-se um pedaço de saca. Embrulhava-se e deitava esse, esse...

INF2 . Aquele tubo. E as redes já (eles) /era\ deitados já naquela rede de fole, era puxado. Um homem é que levantava a rede para o ar. (CLC14-N)

Em (39), identificamos os elementos focalizados como [+ contrastivos]. Observe-se que, em (39a), ‘NO ALENTEJO’, informação já veiculada no discurso, contrasta com ‘aqui’ e, em (39b), ‘AQUI’, constituinte também já conhecido, contrasta com ‘Lisboa’. Já em (40), o elemento focalizado ‘*um homem*’, informação nova, não nos possibilita interpretá-lo como [+

contrastivo], pois não identificamos nenhum constituinte no discurso que possa causar esse efeito.¹²

As CLIV-inv também podem focalizar informação nova com sentido contrastivo. Os exemplos em (41) mostram essa possibilidade:

(41) a) *INQ2 E o que é que?... E o que é que se fazia com esse leite?*

INF1 Requeijão. Ah, havia casas que faziam requeijão que gostavam; e outras não gostam. Mas havia pessoas que gostavam de um bocadinho de requeijão. AO FIM DE DOIS, TRÊS DIAS **é que** se tirava esse leite para fazer requeijão. (...) Ele não é logo no primeiro dia. Ao fim de aí...(MIG06-N)

b) A semente, trouxe de aonde? Foi o passarinho que trouxe dois ou três sacos daquilo no bico para...? Não! Qual é o passarinho que pode com uma coisa dessas? É mentira, pois é claro. Portanto, A NATUREZA **é que** forma isto tudo. (PAL02-N)

Em (41a) o constituinte focalizado é [+ contrastivo]. Constatamos que ‘AO FIM DE DOIS, TRÊS DIAS’, informação nova no discurso, contrasta com ‘no primeiro dia’; o efeito [+ contrastivo] acontece também em (41b): o elemento ‘NATUREZA’ contrasta com ‘passarinho’

Apresentamos, em (42), um exemplo de CLIV-dup-cop focalizando uma informação nova com leitura [+ contrastiva].

(42) INF O fuso de mão. Eu nesse não sei fiar.

INQ2 Pois.

INF Nunca soube fiar nem lã, nem nada. Nunca soube. Fiava **era** SEMPRE NA RODA **é que** fiava. (FLF18-N)

O constituinte focalizado em (42) tem efeito [+ contrastivo], pois o informante fala que não sabe fiar no fuso de mão, mas SEMPRE NA RODA.

Os exemplos em (43) e (44) mostram que os constituintes focalizados nas CLIV-sem-cop e nas CLIV-dup-cop também podem focalizar informação nova com leitura [-contrastiva]:

¹² O contexto não nos possibilita identificar um contraste homem/mulher, mas nos possibilita conjecturar que pode haver um contraste entre ‘um homem’ e ‘dois ou mais homens’.

(43) *INQ E não davam um nome àquele pão que se dava de paga? Aqui, não sei se... Não?*

INF1 Bem, parece-me que... Bem, era a paga do forno. (...) Era *isso* que (...) parece que se fazia. Parece que eu **que** ouvia falar nessa coisa: "Então, já tirou a paga"? ou coisa. Era assim, era. (AAL18-N)

(44) INF1 Ah, tu já não trabalhas muito nisso, não é? INF2 Eu não trabalho porque eu estou doente do coração. INF1 (Foi) a minha mulher é que me disse. (MIG44-N)

Os constituintes focalizados 'eu' e 'a minha mulher', nos exemplos (43) e (44), respectivamente, são elementos novos no discurso e não apresentam efeito contrastivo em relação a nenhum outro elemento no contexto, logo são caracterizados como [- contrastivos].

No que se refere ao estatuto focal do constituinte nas PC, sabemos que os resultados obtidos por Kato *et alii* (1996) levaram as autoras a afirmarem que as PCs não focalizam elemento com sentido contrastivo; porém, os resultados da análise dos dados do PE rural mostram a possibilidade dessa realização. Observemos os exemplos abaixo:

(45) INF1 E aquele peixe – como é que se diz? – aquele peixe, para nós, não tinha valor nenhum. O que tinha mais valor era AQUELES DE CINCO, SEIS, SETE QUILOS. Aqueles que tinham cem quilos (...) ou setenta quilos, aquilo não prestava para nada, que (...) era só óleo. (VPA33-N)

(46) INF1 Antes de vir para a minha casa, eu morava naquela casa da Almerindinha, (...) a que comprou o Ajax (...) do Aloísio, homem. Eu morava ali. E essa casa era alugada (...) aos avós desse rapaz, (...) à Senhora Dona Agrícia (...) e ao Senhor Aristágoras. E esse rapaz era pequenino quando ele veio para a minha casa. Depois, levou três anos seguidos. E depois (...), os mais anos, (...) foram viver para a casa da Agripina, lá acima, acolá (...).

INF2 Isso não interessa, o que interessa é O ROUBO. (VPA20-N)

(47) *INQ2 Muito bem! E há várias espécies de 'cardelas' ou é só uma?*

INQ1 Tudo isto são 'cardelas'?

INF1 Não. O que lhe 'chamemos' aqui 'cardelas' é só UMA QUALIDADE.

INQ2 É só uma qualidade?

INQ1 Sim.

(OUT06-N)

Em (45), o efeito contrastivo aparece quando o falante diz que um determinado peixe não tinha valor para ele: “*Aquele peixe, para nós, não tinha valor*”, mas sim “*AQUELES DE CINCO, SEIS, SETE QUILOS*”, constituinte caracterizado como foco na PC. Em (46), ‘isso’, assunto que estava sendo tratado pelo INF1, estabelece uma relação de contraste com ‘O ROUBO’, elemento focalizado na PC realizada pelo INF2. Em (47), há uma leitura contrastiva que se estabelece entre a pergunta do documentador: (*‘Tudo isso são cardelas?’*) e a resposta dada pelo informante: (*‘Não. O que lhe chamemos aqui cardelas é SÓ UMA QUALIDADE.’*) Note-se que em (47) o próprio ‘não’ marca o efeito contrastivo.

A pesquisa de Cortes (2006) também revelou a possibilidade de realização de elementos contrastivos em sentenças PC:

(48) CIRC: Quem é que tá lá na terra do senhor?

INF(22): Ô rapá, quem é que tá lá na minha terra, eu tenho uma... uma... uma fia lá, Lídia mora lá, mas tem lugá dela. Agora quem tá tabaiano na fazenda na roça lá é Casimiro. (HV-22) (retirado de Cortes (2006: 88))

O autor explica que o contraste em (48) se estabelece quando o informante fala que tem uma filha morando em sua terra; todavia, quem está trabalhando no local é ‘Casimiro’, constituinte focalizado na PC.

Embora tratemos de dialetos diferentes, compartilhamos da idéia de Cortes (2006) quando o autor fala que o fato de os resultados dos estudos de Kato *et alii* (1996) não terem apresentado dados que representem o efeito contrastivo nas PC não sinaliza a existência de gramáticas diferentes, mas talvez isso decorra da falta de contextos discursivos que possibilitassem o uso dessas sentenças com efeito [+ contrastivo] nos dados analisados pelas autoras.

Com relação ao estatuto focal nas PCE, das três sentenças computadas, duas apresentam o elemento focalizado com sentido [+ contrastivo], (sendo que uma traz uma informação nova e outra, uma informação dada); e uma apresenta uma informação já conhecida com [- contraste]. Nas PC-inv, predominam constituintes focalizados com leitura [- contrastiva], assim como há uma maior freqüência de focalização de informação velha.

Encontramos ainda um exemplo em que a leitura [+ contrastiva] se dá fora da sentença clivada:

(49) INQ1 *Eu acho que esta é que é a volante, não?*

Como podemos perceber através dos números apresentados na tabela 8 abaixo, as sentenças clivadas manifestam resultados diferentes quando relacionam o seu tipo com o estatuto sintático do elemento focalizado:

- a) os dados do PE rural mostram que nem todos os constituintes podem ser focalizados por qualquer tipo de clivagem. As sentenças PC-red, por exemplo, não possibilitam a focalização de elementos na função sintática de sujeito, conforme atestam Brito e Duarte (2003:687) em estudos do PE culto. Da mesma forma, a CLIV-sem-cop, a CLIV-dup-cop, a PC-inv e a PCE não possibilitam a focalização de objeto indireto, e as PC-inv e a PCE não possibilitam a focalização de adjuntos. Percebemos, entretanto, que todos os tipos de clivagem permitem a focalização de objeto direto;
- b) notamos que, em termos quantitativos, as possibilidades de focalização de diferentes constituintes não acontecem da mesma maneira para todos os tipos de clivagem. A sentença CLIV, por exemplo, focaliza tanto o sujeito (35%), quanto o objeto direto (36%); e a CLIV-inv, focaliza tanto sujeito (49,5%), quanto adjuntos (46,04), o que ratifica o conferido por Kato *et alii* (1996) e Cortes (2006); a CLIV-sem-cop, a PC-inv e a PCE focalizam mais o sujeito (56%, 77% e 67%, respectivamente); a CLIV-dup-cop focaliza predominantemente adjuntos: (55%), e as PC-red, os objetos diretos (60%);
- c) o objeto indireto é o que menos favorece o uso de clivadas: 2% de ocorrência nas CLIV e PC-red; 0,29% na CLIV-inv e 1,82% na PC. A ocorrência de elementos clivados que não assumem a função sintática de sujeito, objeto e adjunto só foi possível nas CLIV-inv e PC (0,29 e 3,64%);¹³
- d) comparando os nossos resultados com aqueles apresentados em outros estudos sobre os tipos de clivagem no PB e no PE, constatamos que, diferentemente dos resultados encontrados por Braga (1991) em estudos de *corpora* de discurso semicoloidal do Rio de Janeiro, os nossos resultados mostram que a PC não focaliza apenas elementos com a função de sujeito, mas também com a de objeto e de adjunto. Cortes (2006) apresenta resultados semelhantes aos nossos, apesar de apontarem uma predominância de focalização de sujeito na PC e os nossos evidenciarem a maior ocorrência de objetos focalizados, tal como os resultados obtidos por Kato *et alii* (1996).
- e) os nossos resultados ainda apontam para o fato de as CLIV-sem-cop focalizarem mais sujeitos, perfazendo um total de 56%, e em seguida adjuntos, com 32%. Tais resultados assemelham-se aos encontrados por Cortes (2006).

¹³ É importante evidenciar que esse resultado provavelmente se deu devido ao pouco uso, por parte dos falantes, do objeto indireto.

Na tabela 9, apresentamos os número que representam o cruzamento do estatuto focal com o estatuto sintático do constituinte focalizado¹⁴:

Tabela 9 – Cruzamento entre o estatuto focal e o estatuto sintático do constituinte focalizado

| Tipos de clivagem | Estatuto sintático /Estatuto focal | | | | | |
|---------------------|------------------------------------|----------|----------------------|----------|-------------------------|----------|
| | Sujeito | | Obj. Direto/indireto | | Adj. Adverbial e outros | |
| | +contr. | - contr. | +contr. | - contr. | + contr. | - contr. |
| | Nº/% | Nº/% | Nº/% | Nº/% | Nº/% | Nº/% |
| CLIV | 15/50 | 15/50 | 4/13 | 28/87 | 4/17 | 20/83 |
| CLIV-inv | 82/49 | 87/51 | 5/38 | 8/62 | 88/55 | 71/45 |
| CLIV-sem-cop | 2/40 | 3/60 | 1/100 | - | 3/100 | - |
| CLIV-dup-cop | 5/71 | 2/29 | 2/33 | 4/67 | 4/25 | 12/75 |
| PC | 10/59 | 7/41 | 9/31 | 20/69 | 4/44 | 5/56 |
| PC-inv | 4/24 | 13/76 | 5/100 | - | - | - |
| PC-red | - | - | 23/43 | 30/57 | 14/44 | 18/56 |
| PCE | 1/50 | 1/50 | 1/100 | - | - | - |

Os números da tabela 9 acima mostram que a CLIV, a CLIV-inv e a PCE tendem a neutralizar a oposição sujeito [+ contrastivo] e [- contrastivo]; a CLIV apresenta uma maior frequência de objetos e adjuntos com leitura [+contrastiva], enquanto que a CLIV-inv focaliza mais objetos [-contrastivos] e adjuntos [+ contrastivos]; as PCE, e a CLIV-sem-cop focalizam objetos apenas com leitura [+ contrastiva]; a CLIV-sem-cop e a PC-inv realizam uma frequência maior de sujeitos com [-contraste]; as CLIV-dup-cop e a PC realizam sujeitos com [+ contraste]; a CLIV-dup-cop, a PC e a PC-red tendem a focalizar preferencialmente objetos com leitura [-contrastiva] àqueles com leitura [- contrastiva]; assim como ocorre com a CLIV, a CLIV-dup-cop, a PC e a PC-red focalizam mais constituintes [- contrastivos], enquanto que a CLIV-sem-cop apresenta apenas adjuntos [+ contrastivos].

4.1.2.3 Resultados obtidos a partir da análise da categoria do constituinte focalizado

¹⁴ Nesta tabela eliminamos outras funções sintáticas que não fossem sujeito, objetos e adjunto adverbial e computamos objeto direto e indireto juntos.

A leitura das percentagens apresentadas, na tabela 10, evidencia que os DPs podem ocupar a posição de constituinte focalizado em todos os tipos de construções clivadas realizadas no PE rural, embora se distribuam com menor frequência nas CLIV-inv, PC-red e PC:

Tabela 10 – Distribuição das clivadas segundo a categoria do constituinte focalizado

| Tipos de clivada | Categoria do constituinte focalizado | | | | | | | | | | | | | |
|---------------------|--------------------------------------|-------|----|-------|------|------|------|------|------|-----|--------|------|-------|-----|
| | DP | | PP | | AdvP | | AdjP | | AdvS | | Outros | | Total | |
| | Nº | % | Nº | % | Nº | % | Nº | % | Nº | % | Nº | % | Nº | % |
| CLIV | 61 | 70,9 | 16 | 18,6 | 8 | 9,3 | 1 | 1,2 | - | - | - | - | 86 | 100 |
| CLIV-inv | 180 | 53 | 54 | 16 | 86 | 25 | - | - | 18 | 5,1 | 3 | 0,9 | 341 | 100 |
| CLIV-sem-cop | 6 | 67 | 2 | 22 | 1 | 11 | - | - | - | - | - | - | 9 | 100 |
| CLIV-dup-cop | 13 | 45 | 9 | 31 | 5 | 17 | - | - | 2 | 7 | - | - | 29 | 100 |
| PC | 34 | 62 | 5 | 9 | 1 | 2 | 2 | 4 | 1 | 2 | 12 | 21 | 55 | 100 |
| PC-inv | 22 | 100 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 22 | 100 |
| PC-red | 48 | 56,47 | 28 | 32,94 | 5 | 5,88 | 1 | 1,18 | - | - | 3 | 3,53 | 85 | 100 |
| PCE | 3 | 100 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 3 | 100 |

Já os AdjP, AdvS e os constituintes classificados como ‘outros’ ocorrem com baixa frequência nos diferentes tipos de clivada.

Depreendemos ainda, mediante a leitura da tabela 10, que os diversos tipos de sentenças divergem quanto ao constituinte que podem ser focalizados:

- todos os tipos são favorecidos pelos DPs, destacando-se as PC-inv e a PCE, cuja percentagem de ocorrências é de 100%;
- o AdvP favorece o uso de CLIV-inv, ao tempo em que não se realiza na PC-inv e na PCE;
- os PP favorecem o uso de PC-red (32,94%) e de CLIV-dup-cop (32,94%), e, como os AdvP, não ocorrem nem na PC-inv nem na PCE;
- os AdjP apenas ocorrem nas CLIV, PC e PC-red e os AdvS ocorrem nas CLIV-inv, com duas ocorrências na CLIVs-dup-cop e uma na PC.
- dos dezoito constituintes caracterizados como ‘outros’ na tabela 10, doze favorecem a realização de PC; entre eles encontramos a realização de quatro CPs e oito InfPs, todos

com funções de complemento verbal, o que nos possibilita concordar, em parte, com Kato *et alii* (1996), quando afirmam que as PC são capazes de focalizar dois tipos de constituintes: um sintagma ou um complemento oracional do verbo. Dissemos concordar ‘em parte’ pelo fato de as autoras afirmarem que as PC seriam as únicas capazes deste tipo de realização; no entanto, encontramos três exemplos de PC-red focalizando CP e InfP. Observem-se os exemplos abaixo:

- | | |
|--|--------|
| (50) a) o que cheira mais à gueira é <u>A SARDINHA</u> . (VPA25-N) | PC |
| a’) Recebeu foi <u>DINHEIRO</u> . (MIG56-N) | PC-red |
| b) Ela o que queria era <u>que me eu desandasse</u> . (PFT11-N) | PC |
| b’) Elas não se importam porque querem é <u>que fique boa</u> . (PST15-N) | PC-red |

Em (50a / a’) a cópula é logo seguida por um constituinte: ‘A SARDINHA’ e ‘DINHEIRO’, enquanto que em (50b / c) é seguida do complementizador **que**, cabeça de uma oração subordinada substantiva objetiva.

4.1.2.4 - Resultados obtidos a partir da presença de um outro marcador especial de foco

Sabemos que as construções clivadas são um tipo de estratégia sintática para a focalização de um constituinte na sentença. Sabemos também que o português dispõe de outros tipos de estratégias para a marcação de foco, sendo uma delas a utilização do marcador *só*. Durante o levantamento de dados percebemos a presença desse marcador em alguns tipos de clivagem:

- (51) a) Mas no tempo **era** só *erva* **que** nascia para ali e que dava muita erva-santa. (MIG05-N)
- b) **Era** só *nas alturas das festas* **que** usavam isso. (MIG05-N)
- c) não **é** só *MANTAS* **que** eu faço (MIG46-N)
- (52) a) SÓ *EU* **é** **que** tenho. (PST21-N)
- b) Pelo menos nas vinhas, só *com Ervax* **é** **que** eu ainda já tenho aí feito. (AAL28-N)
- c) Só *partindo os chifres* **é** **que** se safava. (MST10-N)

(53) a) **É só O MESTRE é que** manda. (VPA03-N)

b) Eu sei que **era só com mais chouriço e sardinha (...)** é que se fazia. (AAL19-N)¹⁵

Os exemplos de (51) a (54) apresentam o elemento ‘só’ antecedendo o constituinte focalizado. Em (51a), a sentença CLIV mostra a realização do elemento ‘só’ antecedendo um constituinte na função de sujeito, (em 51b) adjunto e (em 51c) objeto. O mesmo acontece nas sentenças CLIV-inv exemplificadas em (52); as CLIVs-dup-cop, em (53), também recebem um reforço do elemento ‘só’, entretanto focaliza um sujeito e um adjunto, mas não um objeto como acontece na CLIV e na CLIV-inv.

Ainda computamos três exemplos de PC que mostram a possibilidade de esse tipo de construção apresentar um marcador de foco antecedendo o elemento clivado; exemplificamos dois deles em (54):

(54) a) **Quem** tem dentes (...) **é só O TUBARÃO.** (VPA32-N)

b) **O que** lhe 'chamemos' aqui 'cardelas' **é só UMA QUALIDADE.** (OUT06-N)

Constatamos que o elemento focalizado em (54a) assume a função de sujeito e em (54b) de objeto.

A partir dos resultados apresentados na tabela 11 abaixo, verificamos que o elemento ‘só’ não se realiza em construções PC-inv, CLIV-sem-cop e PCE. Os números também mostram que a maior frequência de ‘só’ se dá nas CLIV-inv, sendo a menor nas PC-red. Parece que os falantes preferem utilizar esse reforço quando o constituinte focalizado é um sujeito, uma vez que, das 27 ocorrências do elemento ‘só’ nos dados analisados, 52% correspondem a realizações de constituintes nessa função sintática, enquanto que 37% corresponde a realização na função de adjunto e 11% na de objeto.

Tabela 11 – Distribuição da clivadas segundo a presença de um outro marcador especial de foco

¹⁵ Consideramos na nossa análise exemplos como os em (53b e 54a); mesmo com a presença do elemento ‘(...)’, que segundo as normas de transcrição do projeto significam seqüências imperceptíveis.

| Tipos de clivagem | Marcador focal / Só | |
|-------------------|---------------------|------------|
| | Nº | % |
| CLIV | 3/86 | 11,1 |
| CLIV-inv | 17/341 | 62,96 |
| PC-red | 1/85 | 3,7 |
| PC | 2/55 | 7,4 |
| CLIV-dup-cop | 4/29 | 14,8 |
| PC-inv | - | - |
| CLIV-sem-cop | - | - |
| PCE | - | - |
| TOTAL | 27 | 100 |

Encontramos ainda alguns exemplos que trazem o elemento ‘só’ em outras posições na sentença, ou seja, sem anteceder o constituinte focalizado na clivagem:

(55) a) Com o machado só para **o que** serve *é para fazer rachas*. (PAL35-N)

b) Só **o que** se vê *é barulho* (AAL32-N)

56) a) Só conheço o joio *é do evangelho!* (MIG05-N)

b) Naquele tempo só havia (**era**) *miséria!* (VPA06-N)

Nas PC em (55), o elemento ‘só’ aparece antes do elemento QU. Em (56), podemos pensar que o ‘só’ ocuparia a mesma posição daquela em (55) se considerarmos que houve o apagamento do elemento QU, uma vez que se trata de PC-red: ‘Só (de onde) conheço o joio *é do evangelho!*’ e ‘Naquele tempo só (o que) havia **era** *miséria!*’.

4.1.2.5 Resultados obtidos a partir da pessoa do discurso

Verificamos a pessoa e o número do sujeito focalizado nas CLIV e notamos que esse tipo geralmente realiza concordância de pessoa entre o sujeito e a cópula:

(57) a) **foi** *ele* **que** o fez. (MIN05-N)

b) **fui** *eu* **que** paguei (CTL18-N)

- c) **sou** eu **que** faço (MST03-N)
- d) não **são** *eles* **que** fazem (PAL08-N)

apesar de apresentarem três exemplos em que não há essa concordância:

- (58) a) **era** os filhos **que** faziam esse serviço (PAL10-N)
- b) **É** *libras e gramas* **que** tratavam aquilo. (MIG08-N)
- c) **era** AS RAPARIGAS **que** trabalhavam nisso. (MIG03-N)

Podemos compartilhar da sugestão apresentada por Cortes (2006) de que a concordância na CLIV é um fator opcional, visto que o falante do PE rural, assim como os do PB, ora aplica, ora não aplica as regras de concordância¹⁶:

- (59) a) **Foi** as formigas **que** fez esse trabalho. (CZ-1)
- b) **Fui** *eu* **que** fiz lá no Cizento. (CZ-10)

É interessante observar a concordância que é realizada pelo falante entre a cópula e o elemento clivado na seguinte sentença CLIV:

- (60) **Fomos** *a gente* **que** fomos da iniciativa (PAL17-N)

Segundo Costa *et alii* (2001), “a gente” no PB e no PE comporta-se como uma forma pronominal de primeira pessoa do plural “nós”, embora apresente uma particularidade: apesar de compartilhar com ‘nós’ de traços semânticos de primeira pessoa do plural, traz traços gramaticais de terceira pessoa do singular; logo, aplicando as regras normativas de concordância, a sentença em (60) deveria apresentar a seguinte forma “**Foi** *a gente* **que** foi da iniciativa”. Porém os autores também informam que alguns falantes do PE realizam a concordância verbal semântica de primeira pessoa do plural, que é o que ocorre em (60).

4.1.2.6. Resultados segundo a concordância temporal entre a cópula e o verbo da sentença encaixada

¹⁶ Os dados em (59) foram retidos de Cortes (2006:100).

Ao analisarmos esse fator, percebemos uma tendência dos falantes em aplicar um paralelismo modo-temporal entre os verbos das duas sentenças:

Tabela 12 – Distribuição das clivadas segundo a concordância temporal entre a cópula e o verbo da sentença encaixada

| Tipos de clivagem | Concordância temporal entre a cópula e o verbo da sentença encaixada | | | | | |
|-------------------|--|-----|----------------|----|-------|-----|
| | + concordância | | - concordância | | Total | |
| | Ocorrências | % | Ocorrências | % | Nº | % |
| CLIV | 79 | 92 | 7 | 8 | 86 | 100 |
| CLIV-inv | 190 | 56 | 151 | 44 | 341 | 100 |
| CLIV-dup-cop | 27 | 93 | 2 | 7 | 29 | 100 |
| PC | 52 | 95 | 3 | 5 | 55 | 100 |
| PC-inv | 21 | 95 | 1 | 5 | 22 | 100 |
| PC-red | 83 | 98 | 2 | 2 | 85 | 100 |
| PCE | 3 | 100 | - | - | 3 | 100 |

Os números na tabela 12 mostram a predominância do paralelismo modo-temporal entre a cópula e o verbo da sentença encaixada, em todos os tipos de clivagem. A única estratégia em que há um percentual representativo de ocorrências com falta de concordância entre a cópula e o verbo da encaixada é a CLIV-inv que apresenta, portanto, o menor índice de concordância (56%). Observem-se os exemplos a seguir:

[+ concordância]

(61) a) **É** *isso* **que** nós fazemos. (OUT23-N)

b) **Era** *a ela* **que** se dava o pão. (OUT29)

CLIV

c) **foi** *no dia vinte e nove de Junho* **que** ele faleceu. (MIN05-N)

(62) a) *O vinho* **é** **que** vem acima. (OUT57-N)

CLIV-inv

b) EU **era** **que** ia rezar a casa dos mortos quando morriam. (PFT31-N)

c) E a minha mulher **foi** **que** fez o sarrabulho. (VPA32-N)

(63) a) **É** *com o andar* **é** **que** elas estão gastas. (MIG11-N)

CLIV-dup-cop

b) **era** dentro da igreja **é** que a gente comia (PAL39-N)

- c) **foi** OS DA MINHA IRMÃ **foi** os que (ele) levou. (OUT15-N)
- (64) a) **O que cheira** mais à gueira **é** A SARDINHA. PC
 b) **quem deu** cabo de mim **foi** UM ENFERMEIRO. (VPA40-N)
 c) **O que tiravam** **era** a estopa. (MST15-N)
- (65) a) *Isso **é o que*** eu faço. (FLF64-N) PC-inv
 b) ELA **era quem** as ensinava. (PFT06-N)
 c) o doutor **foi o que** agarrou (CTL18-N)
- (66) a) A gente chamam isso **é** as cordas. (MIG54-N) PC-red
 b) eu botava **era** aqui. (MIG56-N)
 c) o primeiro ano que fui para o bacalhau **foi** em 46. (VPA05-N)
- (67) a) **é** ASNEIRAS **o que** ele diz. (PAL16-N) PCE
 b) **Fui** eu **quem** (lhe) paguei-lhe o caixão. (PFT29-N)

Os exemplos de (61) a (67) mostram que o paralelismo modo-temporal se realiza em todas as estratégias de clivagem. Vale ressaltar que Brito e Duarte (2003) consideram que o elemento ‘é que’ na CLIV-inv não admite marca de tempo, nem concordância, por se tratar de uma forma fixa; os enunciados em (62b / c), contudo, são dois dos três dados em que a cópula traz marca de tempo.

Pudemos perceber que os verbos ocorrem, predominantemente, em três tempos verbais em todas as clivadas: presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito, com exceção das PCE, que não apresentam exemplo no pretérito perfeito.

É importante destacar que, ao analisarmos este fator nas CLIV-dup-cop, observamos apenas a primeira cópula, mas notamos, em alguns dados, a realização de concordância entre as duas cópulas e o verbo da encaixada (cf. exemplos em (63a / c)).

Para analisarmos a concordância entre os verbos em alguns exemplos de PC-red se fez necessária a verificação do contexto onde a sentença se encontrava, uma vez que em algumas sentenças encaixadas os verbos estão elípticos:

- (68) a) *INQ2 Chama-se pimento à mesma?*
 INF2 Chamam-lhes pimentão. Na Espanha é pimentão! (OUT51-N)
 a’) Na Espanha (chamam) **é** pimentão!

Das 630 ocorrências de clivagem na nossa pesquisa, 464 apresentaram o paralelismo modo-temporal e 166 não o apresentaram. O último número representa apenas 26% do total de dados. Desse modo, é razoável supor que os falantes das comunidades investigadas preferem estabelecer concordância entre a cópula e o verbo da sentença encaixada.

Apresentamos a seguir alguns exemplos em que a concordância entre os verbos não acontece:

[- concordância]

- (69) a) É com penas de madeira **que** a gente fazia. (MIG16-N) CLIV
 b) DEPOIS é **que** lhe botava fermento naquela massa toda. (MIN19-N) CLIV-inv
 c) É por causa disso **que** lhe chamavam o ladrão. (AAL12-N) CLIV-dup-cop
 d) O mais velho é **o que** morreu (COV10-N) PC-inv

Os exemplos em (69) mostram a não aplicação do paralelismo modo-temporal entre os verbos. Constatamos que, apesar de os falantes optarem preferencialmente pela concordância entre os verbos, é possível que um mesmo falante ora aplique a concordância, ora não a aplique. Observem-se os seguintes exemplos:

- (70) a) era vários nomes **que** a gente davam pela feitura (MIG06-N)
 b) Era sempre vitelo **que** tratam, não é. (MIG06-N)
 c) era chapéus de Braga **que** usavam no tempo. (MIG17-N)
 d) É com penas de madeira **que** a gente fazia. (MIG16-N)

Nos enunciados em (70), o mesmo falante ora aplica o paralelismo modo-temporal entre os verbos como em (70a / c) - ‘era / davam’ e ‘era / usavam’ - , ora não o aplica, como em (70b / d) - ‘era / tratam’ e ‘é / fazia’. Cortes (2006) observou a mesma situação em estudo sobre o paralelismo modo-temporal entre a cópula e o verbo da oração encaixada em corpora do PB de afro-descendentes¹⁷:

- (71) a) era aquele **que** é o fazendêro. (HV – 12)

¹⁷ Os exemplos em (70) foram retirados de Cortes (2006:101).

b) **foi** *you* mesmo **que** bateu. (HV – 12)

Em (71) o mesmo falante ora aplica o paralelismo modo-temporal entre os verbos (cf. (71^a)), ora não o aplica (cf. (71b)). Concordamos com Cortes (2006), quando ele constata que não se pode supor que os falantes que realizam essas construções possuam um paradigma verbal sem marcas de concordâncias¹⁸.

4.1.2.7 Resultados segundo a concordância de número entre a cópula e o elemento focalizado

Tabela 13 – Distribuição das clivadas segundo a concordância numeral entre a cópula e o elemento focalizado

| Tipos de clivagem | Concordância numeral entre a cópula e o elemento focalizado | | | | |
|----------------------------|---|----|----------------|----|---------------|
| | + Concordância | | - Concordância | | Total |
| | Ocorrências | % | Ocorrências | % | Ocorrências/% |
| CLIV | 6 | 82 | 13 | 18 | 19/100 |
| CLIV-inv | - | 83 | 32 | 17 | 32/100 |
| CLIV-dup-cop ¹⁹ | - | 62 | 4 | 38 | 4/100 |
| PC | 1 | 79 | 8 | 21 | 9/100 |
| PC-inv | 3 | 95 | 1 | 5 | 4/100 |
| PC-red | - | 76 | 13 | 24 | 13/100 |
| PCE | - | 67 | 1 | 33 | 1/100 |
| Total | 10 | | 72 | | 82 |

Os números apresentados na tabela 13 mostram que os falantes raramente aplicam [+ concordância] de número entre a cópula e o constituinte focalizado. Os 10 casos de concordância contra os 72 sem concordância indicam que o falante tende a optar pelo não estabelecimento da concordância entre estes dois elementos. Entretanto, considerando o universo de dados analisados nesta pesquisa (total de 630), o número de ocorrências no plural

¹⁸ Achamos que seria interessante a realização de um estudo enfocando melhor esse fenômeno.

¹⁹ Consideramos a concordância entre a 1ª cópula e o constituinte focalizado.

(82 dados), único contexto em que é possível observar a questão da concordância, são insuficientes para uma análise mais acurada do fato.

Entre as ocorrências de CLIV-dup-cop, por exemplo, dos 29 dados encontrados, apenas quatro apresentam constituintes focalizados com marca de número, e estes não estabelecem concordância com a cópula:

- (72) a) **É** *uns acinchos* **é que** costumam chamar. (MST01-N)
 b) **Era** SÓ OS GANHÕES **é que** acarrejavam tudo. (MST28-N)
 c) **É** *os retalhos também* **é que** mandam. (MIG46-N).
 d) **foi** OS DA MINHA IRMÃ **foi os que** (ele) levou. (OUT15-N)

A CLIV-inv, a PC-red e a PCE não apresentam variação de número na cópula; enquanto na PC foi encontrado um único exemplo com marca de plural. Já a PC-inv parece favorecer a concordância, uma vez que três dos quatro exemplos se realizam com marca de plural. Apresentamos dois exemplos em (73) e (74):

(73) **O que** é lavado à parte **são** OS PEDAÇOZINHOS. (MST05-N) PC

(74) *Os meus filhos e o meu genro* **foram quem** compuseram isso tudo. (PFT21-N) PC-inv

As cópulas concordam em número com os constituintes clivados nos exemplos em (73) e (74). Contudo, encontramos esses mesmos tipos de construção apresentando ausência de número no elemento clivado, sem que esta desencadeie concordância com a cópula, como em (75):

- (75) a) **O que** tinha mais valor **era** aqueles de cinco, seis, sete quilos. (VPA33-N) PC
 b) *Os estais (...)*, **é o que** aguenta, (...) para (...) ²⁰ (PST22-N) PC-inv

O mesmo acontece com as CLIV, apresentando ausência de plural na cópula em (76a/b) e sua realização em (76c/d);

(76) a) **É** *as guardas dele* **que** a gente tratava (MIG17-N)

²⁰ Esse foi o único exemplo de PC-inv encontrado em que o constituinte clivado recebe flexão de número, mas a cópula não.

- b) **Era OS FILHOS que** faziam esse serviço. (PAL10-N)
 c) **São estas coisas assim que** eu faço. (MIG46-N)
 d) **Eram as farinhas que** não andavam boas (MST42-N)

Cortes (2006) constatou variação na aplicação da concordância de número nas CLIVs e nas PCs. Observem-se os exemplos transcritos de Cortes (2006:100)²¹:

- (77) a) **Foi as formiga que** fez esse trabalho. (CZ-1)
 b) **Fui eu que** fiz lá no Cizento. (CZ-10)
 c) **Quem sabe são eles.** (SP-6)
 d) **Quem tomava conta era as menina.** (SP-5)

Em (77a / c), a cópula concorda em número com o foco; já em (77b / d), não há concordância de número entre a cópula e o constituinte focalizado.

4.1.2.8 Resultados segundo a animacidade do termo focalizado

Tabela 14 –Distribuição das clivadas segundo a animacidade do termo focalizado

| Tipos clivagem | de | Animacidade do termo focalizado | | | | Total |
|---------------------|----|---------------------------------|------|-------------|------|---------|
| | | + Humano | | - Humano | | |
| | | Ocorrências | % | Ocorrências | % | |
| CLIV | | 16 | 18,6 | 70 | 81,4 | 86/100 |
| CLIV-inv | | 82 | 24 | 259 | 76 | 341/100 |
| CLIV-sem-cop | | 4 | 44,4 | 5 | 55,6 | 9/100 |
| CLIV-dup-cop | | 4 | 13,8 | 25 | 86,2 | 29/100 |
| PC | | 10 | 18,2 | 45 | 81,8 | 55/100 |
| PC-inv | | 5 | 22,7 | 17 | 77,3 | 22/100 |
| PC-red | | 1 | 1,2 | 84 | 98,8 | 85/100 |
| PCE | | 2 | 66,7 | 1 | 33,3 | 3/100 |

²¹ Os exemplos apresentados em (77a / b) já foram apresentados em (59).

Nesta seção, verificamos os contextos favorecedores das características [+ ou – humana] dos constituintes focalizados nas diversas estratégias de clivagem.

A leitura dos resultados apresentados na tabela 14 nos permite afirmar que:

- a) a CLIV-sem-cop é indiferente tanto ao traço [+ humano] como ao traço [- humano], perfazendo, respectivamente, as seguintes porcentagens: 44,41% e 55,6% do total de elementos clivados com esses traços;
- b) o traço [+ humano] é aquele que menos favorece o uso de PC-red (1,2%), esse resultado é semelhante ao encontrado por Cortes (2006);
- c) aparentemente a PCE desfavorece o traço [- humano], pois apresenta apenas um dado com um antecedente deste tipo; contudo, há somente três ocorrências de PCE, o que impossibilita conclusões pertinentes;
- d) no cômputo geral, o traço [- humano] é o que favorece o uso de focalização pela estratégia da clivagem, exceto em relação à PCE.

Podemos destacar como relevante, nos resultados obtidos no fator animacidade do termo focalizado, o fato de todos os tipos de clivada possibilitarem a focalização de elementos [+ ou – humanos]. A tabela 15 mostra os resultados do cruzamento de estatuto sintático e animacidade do constituinte focalizado.

Tabela 15 – Cruzamentos dos resultados do estatuto sintático e a animacidade do constituinte focalizado

| Estatuto Sintático | Animacidade do constituinte focalizado | | | | |
|-------------------------------|--|-----|-------------|------|---------------|
| | + Humano | | - Humano | | Total |
| | Ocorrências | % | Ocorrências | % | Ocorrências/% |
| Sujeito | 117 | 47 | 130 | 53 | 247/100 |
| Objeto direto/indireto | 8 | 5,7 | 132 | 94,3 | 140/100 |
| Adjunto adverbial | - | - | 239 | 100 | 239/100 |
| Outros | - | - | 4 | 100 | 4/100 |

Acreditávamos que a focalização do constituinte sujeito apareceria com mais frequência com o traço [+ humano]; contudo, os números apontaram o contrário: 53% dos elementos focalizados na função de sujeito apresentam traço [-humano]. Verificamos, no

entanto, que a focalização do constituinte objeto, adjunto e outros está mais relacionada ao traço [- humano], apresentando a frequência de 94,3% para objetos e 100% para adjuntos adverbiais e outros, ratificando nossas expectativas. Observe-se a tabela 15 abaixo:

4.1.2.9 Outros casos encontrados

a) O expletivo “ele” em construções clivadas

Estudos sobre o PE apontam a possibilidade da realização de um elemento expletivo ‘ele’ em alguns dialetos populares. Esse constituinte assemelha-se ao pronome representativo da 3ª pessoa do singular masculino. Segundo Carrilho (2000), este expletivo vem sendo analisado como um sujeito, embora a sua distribuição nem sempre permita reconhecê-lo como um sujeito canônico. Isso se deve ao fato de o PE ser uma língua de sujeito nulo; dessa forma o expletivo não é um elemento obrigatório na sentença finita como o é em línguas de sujeito não-nulo.

Carrilho (2000) entende que os pronomes realizados como sujeito canônicos numa língua de sujeito nulo podem ter efeitos contrastivos ou enfáticos. Evidentemente, o mesmo não ocorre com os expletivos, por se tratarem de constituintes vazios de significados. A autora exemplifica essas impossibilidades com sentenças clivadas: (c.f. (78) e (79), transcritos de Carrilho (2000;3)):

(78) a)* Foi ele que choveu toda a noite.

b) * Ele é que choveu toda a noite.

(79) a) Eu é que trouxe o bilhete.

b) Fui eu que trouxe o bilhete.

c) Eu trouxe o bilhete.

A autora ainda apresenta construções de ‘duplo sujeito’, que possibilitam ao mesmo tempo a presença de um ‘ele’ expletivo e de um outro elemento com propriedades de sujeito sentencial. Exemplifica este fato com uma CLIV: (c.f. (80), transcrito de Carrilho (2000:7))

(80) Ele isto é assim que se corta aqui o centeio?

Observe-se que, em (80), o expletivo ‘ele’ co-ocorre com o pronome demonstrativo neutro ‘isto’, que também pode ser expletivo.

Também encontramos exemplos, no PE rural, em que o expletivo ‘ele’ co-ocorre com um constituinte que possui propriedades de sujeito:

(81) a) ele EU **é que** tive vergonha (COV30-N)

b) O meu pai e o meu irmão- o meu avô! – andavam (...) nas vacas... Ele depois de ter o fio de lá, EU **é que** fazia as sueras para eles. (MIG51-N)

c) Bem, ele EU **é que** (isto) sou teimosa (OUT07-N)

d) Eles as pessoas depois **é que** matavam para vender nas lojas (MIG15-N)

Observe-se que, nas construções em (81), o constituinte ‘ele’ co-ocorre com outros constituintes candidatos a caso nominativo. Em (81b / c), co-ocorre com ‘eu’; em (81d), com ‘as pessoas’.²²

b) O elemento “é que” após advérbios

Bechara (2003:507) registra que muitas vezes o falante emprega a partícula “que” após advérbios como: *enquanto que, quase que, talvez que*, sem necessidade, ou seja, onde poderia ser dispensada. Cita como exemplo o seguinte:

(82) “ Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si enquanto que eu fitava deveras o chão...” [MA. 4, 130 apud Mba. 1, 177] (Retirado de Bechara (2003:507))

Durante o levantamento dos dados, registramos os seguintes exemplos²³:

(83) a) É nós, esses pescueiros - que nós dizemos aqui pescueiros – é onde é que tem mais peixe. (VPA22-N)

²² Não sabemos como se dá atribuição de caso nestas sentenças, porém não é nossa intenção desenvolver um estudo sobre isto nesta pesquisa.

²³ Os exemplos em (82) foram computados como CLIV-dup-cop.

- b) No ninheiro, é onde **é que** ela costuma a pôr. (PAL31-N)
 c) E nas pontas é onde **é que** o mar se encapela mais. (VPA13-N)

Os exemplos em (83) mostram a presença da partícula “é que” após o advérbio ‘onde’, partícula essa que não nos parece necessária na sentença, uma vez que é possível em PB as seguintes realizações:

- (84) a) É nós, esses pesqueiros - que nós dizemos aqui pesqueiros – é onde tem mais peixe.
 b) No ninheiro, é onde ela costuma a pôr.
 c) E nas pontas é onde o mar se encapela mais.

Observe-se que as sentenças em (84) são as mesmas que em (83), porém sem a partícula “é que”. O fato de retirarmos essa partícula não influenciou no sentido da sentença. Logo, podemos pensar que o “é que” é uma variação do “que” citado por Bechara (2003), exemplificados em (82).

Para encerrarmos, é interessante registrar uma sentença que ouvimos de um falante durante um diálogo informal, sentença essa que evidencia essa possível variação do ‘que’ e do ‘é que’ após advérbios:

- (85) Ontem quase **é que** eu tomo um tombo.

5 CONCLUSÃO

Neste trabalho investigamos as estratégias de clivagem no PE rural. Iniciamos o estudo mostrando um pouco sobre o que dizem as pesquisas que investigaram o fenômeno em português e em outras línguas utilizando o aparato da teoria gerativa. Assim, buscamos os trabalhos de Kato e Ribeiro (2004, 2005), Kato *et alii* (1996), Kato e Raposo (1996), Lambrecht (2001), Brito e Duarte (2003), Braga (1991), Modesto (2001) e Cortes (2006), que apresentam fatores estruturais, sociais e contextuais condicionadores dos usos dessas estratégias, bem como as suas características, estruturas e tipos já atestados no português. Para o estudo da caracterização do tipo de foco na clivagem, se [+ contrastivo] ou [- contrastivo], nos fundamentamos em Kiss (1988).

Com o objetivo de conhecer os tipos de estratégias clivadas e a sua frequência no PE rural, utilizamos parte dos *corpora* disponibilizados pelo PROJETO *CORPUS DIALETAL COM ANOTAÇÃO SINTÁTICA* (CORDIAL-SIN), organizado pela Professora Dr.^a Ana Maria Martins, pesquisadora do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. O intuito maior foi verificar os tipos realizados no PE rural, assim como testar a nossa hipótese de que, sendo a CLIV-sem-cop o resultado de uma reanálise da CLIV, como sugere Cortes (2006) em estudo de fala rural de afro-descendentes brasileiros, é possível que a mesma reanálise tenha ocorrido no PE rural; dessa forma, esse tipo de construção estaria presente em dialetos do PE, e não poderia ser mais considerado um tipo exclusivo do PB, como dizem alguns autores (cf. Kato e Ribeiro (2005), Cortes (2006)) em estudo sobre o fenômeno clivagem no PB. Além disso, a presença de CLIV-sem-cop nos dados do PE rural seria uma indicação de continuidade gramatical no PB, não estando esta construção disponível para debates sobre mudança gramatical no PB.

Em relação a essa hipótese, chegamos à conclusão, após a análise dos dados, de que ela é parcialmente verdadeira, visto que há um tipo de CLIV-sem-cop no PE rural, mas restrito a sentenças subordinadas, com raríssimas exceções (cf. exemplos em (20a / b) na

seção 4.1.1.4), diferentemente do que ocorre no PB. Logo, julgamos que a sintaxe deste tipo de construção no PE parece ser diferente da sintaxe daquele no PB. Passamos então a conjecturar que a CLIV-sem-cop no PB se originou de uma forma independente daquela do PE. Então, poderíamos pensar, seguindo Ribeiro (2003), na possibilidade destas sentenças no PE rural terem surgido de um processo de reanálise de sentenças de recomplementação encontradas em textos portugueses do século XIV, em que o constituinte ensanduichado entre os dois *quês* pode ser um elemento focalizado (cf. os exemplos em (21a / b), na seção 4.1.1.4); quanto ao PB, as CLIV-sem-cop resultariam da reanálise da focalização com recomplementação atestada na fala dos informantes do PE rural, passando o PB a generalizar este uso para os contextos de sentenças raízes. Acreditamos na necessidade de outras pesquisas, inclusive diacrônicas, para maiores esclarecimentos sobre este tipo de construção.

Após o levantamento dos dados, organizamos todos os tipos de clivagem realizados no PE rural nos *corpora* analisados. São eles: CLIV, CLIV-inv, CLIV-sem-cop, CLIV-dup-cop, PC, PC-inv, PC-red, PCE. De posse dos resultados numéricos, procedemos à análise. Computamos todas as ocorrências e, de acordo com os números obtidos, constatamos que a estratégia mais utilizada pelos falantes é a CLIV-inv, visto que apresentou a maior frequência (341 casos em 630 dados, correspondendo a 54,1% de ocorrências) (cf. Tabela 4). Esse resultado é semelhante ao encontrado por Kato *et alii* (1996) na fala culta de São Paulo, o que mostra uma tendência geral dos falantes do português de usar estratégias de CLIV-inv quando querem focalizar um constituinte.

A estratégia menos realizada no PE rural é a PCE (três casos correspondendo a 0,5% do total de dados); Cortes (2006) registra que não encontrou números relevantes da PCE em *corpora* do PRAB, e acreditamos que o mesmo acontece no estudo do PBC realizado por Kato *et alii* (1996), uma vez que as autoras registram apenas as realizações de três tipos de construções clivadas: a CLIV, a PC e a CLIV-inv. A CLIV-dup-cop foi um tipo interessante encontrado nos *corpora* aqui analisados, com um número de realizações significativo (29 casos, ou seja, 4,6% dos dados). Esse tipo também fora encontrado por Braga (1991), embora a autora o classifique como duplo foco; nenhuma referência ao uso de CLIV-dup-cop é feita no estudo sobre clivada na fala culta do PB (Kato *et alii* (1996)); Cortes (2006) menciona o tipo, porém não o atesta na fala rural do PB.

Quanto ao estatuto focal nas sentenças clivadas, verificamos que o foco em leitura [+ contrastiva] ou [- contrastiva] pode ser realizada em qualquer uma das estratégias de clivagem. Os resultados mostram que, apesar do comportamento diversificado das diversas estratégias, as PCE, CLIV-sem-cop e a CLIV-inv apresentam mais de 50% dos dados com

foco contrastivo, enquanto que as PC-inv, CLIV e CLIV-dup-cop favorecem a focalização não contrastiva (acima de 50%) (cf. Tabela 7).

Ainda em relação ao elemento focalizado, destacamos o fato de a PC-red não focalizar sujeitos; de a PC-inv e de a PCE não focalizarem adjuntos e de a CLIV-inv e a PC serem as únicas estratégias que possibilitam focalizar constituintes como predicativo do sujeito. A CLIV caracteriza-se principalmente por focalizar sujeito (30%) e objeto (32%), embora focalize adjuntos (24%); a CLIV-inv focaliza um número um pouco maior de constituintes com a função de sujeito (49,56%), embora a frequência de focalização de adjuntos seja também elevado (46,04%), reservando apenas (3,81%) para objetos; a PC e a PC-red tendem a focalizar objetos, apresentando os percentuais de (50,9%) e (60%), respectivamente; já a PC-inv e a CLIV-sem-cop preferem focalizar sujeito (77% e 56%, respectivamente) e a CLIV-dup-cop, adjunto adverbial (55%)(cf. Tabela 8).

Ao cruzarmos os resultados do estatuto focal com o estatuto sintático, notamos que há uma realização maior de elementos nas funções de sujeitos, objetos e adjuntos com traço[- contraste] (cf. Tabela 9).

Considerando a categoria do constituinte focalizado, os resultados evidenciam que os DPs são mais focalizados por todos os tipos de clivagem; PPs e AdvPs apenas não são focalizados por PC-inv e PCE, já os AdjPs são focalizados apenas por CLIV, PC e PC-red (cf. Tabela 10).

No que se refere à presença do marcador especial de foco ‘só’ em sentenças clivadas, constatamos que, embora reduzido o número de ocorrências (27), é possível utilizar esse recurso em sentenças CLIV-inv, CLIV, PC-red, PC e CLIV-dup-cop (cf. Tabela 11).

O estudo do fator concordância temporal entre a cópula e o verbo da sentença encaixada revelou que os falantes tendem a realizar a concordância entre os verbos em todos os tipos de clivadas. No que diz respeito à concordância numeral entre a cópula e o elemento focalizado, notamos que o fator [+ concordância] é mais realizado em todos os tipos de clivada (cf. Tabela 12).

Com relação à animacidade do constituinte focalizado, a análise quantitativa revelou que, apesar de todas as estratégias focalizarem constituintes com traços [+ ou – humano], o traço [+ humano] favorece o uso de CLIV-inv, CLIV-sem-cop, PC-inv e PCE, enquanto que o [- humano] favorece o de CLIV, CLIV-dup-cop, PC e PC-red. Verificamos que, ao contrário do que pensávamos, há uma frequência maior de sujeitos com traço [- humano] do que [+ humano]. No entanto, a pesquisa atendeu as nossas expectativas ao

evidenciar que o traço [- humano] prevalece na maioria das ocorrências que têm como foco constituintes na função de objeto e de adjuntos (cf. Tabela 14 e 15).

Retornando ao ponto de partida desta pesquisa, observamos na introdução que se faz necessário conhecer o PE moderno e o clássico para, através de comparação com o PB, tentar fornecer elementos para o estudo da constituição histórica do PB. Logo, acreditamos contribuir, através dos resultados obtidos nesta pesquisa, com informações que possam subsidiar a busca do entendimento da sintaxe do PB. Enfatizamos a necessidade da continuação da investigação desse fenômeno, estendendo-se a análise a outros dialetos e a registros diacrônicos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 44 ed. São Paulo: Saraiva, 2004.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- BRAGA, Maria Luiza. **As sentenças clivadas no português falado no Rio de Janeiro**. In: **Organon – Avariação no português do Brasil**, v. 18, p. 109-125, 1991.
- BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês. **Construções de clivagem**. In: MATEUS, Mira et alii. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- CARRILHO, Ernestina (no prelo) **Sobre o expletivo ele nos dialectos do Português europeu**. In: ACTAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL '500 ANOS DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL. Évora, maio 2000. Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/equipa/ernestina_carrilho_2000a.pdf> Acesso em: 15 out. 2006.
- CENTRO DE LINGÜÍSTICA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA. Projeto *corpus* dialectal com anotações sintáticas. Ana Maria Martins (org.). Disponível em <http://www.clul.ul.pt/sectores/cordialsin/projecto_cordialsin_corpus.html>.
- CHIERCHIA, Gennaro. **Semântica**. Tradução Luis Arthur Pagani, Lígia Negri e Rodolfo Ilari. Revisão técnica: Rodolfo Ilari. Campinas: UNICAMP; Londrina, Pr: EDUEL, 2003.
- CHOMSKY, Noam. *Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas*. Tradução. Lúcia Lobato; revisão de Mark Ridd – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- CHOMSKY, Noam. **O Conhecimento da Língua: Sua natureza, origem e uso**. Tradução: Ana Bela Gonçalves e Ana Tereza Alves. Lisboa: Caminho, 1986.
- CORTES, Moacir. da Silva. **Clivadas e pseudo-clivadas: um estudo de suas realizações estruturais no português rural afro-brasileiro**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- COSTA, J.; MOURA, D.; PEREIRA, S. **Concordância com a gente: um problema para a teoria de verificação de traços**. In: ACTAS DO XVI ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA. Lisboa: APL, 2001. Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/equipa/Costa_et_cl01.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2006.
- COSTA, João Miguel Marques da. **Word order variation. A constraint-based approach**. Haia: Hill, 1998.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Gramática do português contemporâneo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985.

GALVES, Charlotte. **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

KATO, Mary A. *et. alii*. **As construções-Q no português brasileiro falado**: perguntas, clivadas e relativas. KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português falado**. 2 ed. V. VI: desenvolvimentos. Campinas: Unicamp, 1996. p. 309-374.

KATO, Mary; RAPOSO, EDUARDO. European and Brazilian word order: questions, focus and topic constructions. In C. Parodi, A. C. Quicoli, M. Saltarelli & M. L. Zubizarreta (eds). **Aspects of Romance Linguistics**. Washington: Georgetown U. Press, 1996. p. 267-277.

KATO, Mary; RIBEIRO, Ilza. **A Evolução das Estruturas Clivadas no Português** : período V2. São Paulo: Editora da Unicamp. 2004.

KATO, Mary; RIBEIRO, Ilza. **Cleft Sentences and WH-Questions in Brazilian Portuguese: A Diachronic Analysis**. São Paulo: Editora da Unicamp. 2005.

KISS, É Katalin. Identificational focus versus information focus. **Language**, v. 74, n. 2, p. 245-273, jun. 1998.

LAMBRECHT, Knud. **Information structure and sentence form**: Topic, focus and the mental representation of discourse referents. Cambridge: Cambridge university press, 1994.

LAMBRECHT, Knud. A framework for the analysis of cleft construction. **Linguistic**, v. 39, p. 463-516, 2001.

LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

LUBISCO, Nídia M. L.; VIEIRA, Sônia Chagas. *Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses*. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2003. Ver. e sug. de Isnaia Veiga Santana.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **A língua portuguesa em perspectiva histórica**: Do português europeu para o português brasileiro: algumas questões. Disponível em: <<http://www.prohpor.ufba.br/perspectiva.html>>. Acesso em: 19 set. 2006

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria C. F. & LOPES, Ruth E. V. **Novo Manual de sintaxe**. Florianópolis: Insular, 2004.

MIRA MATEUS, Maria Helena *et alii*. **Gramática da Língua Portuguesa**. 6. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MODESTO, Marcello. **As construções clivadas no português do Brasil**: Relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia. São Paulo: Humanitas, 2001.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 4 ed. São Paulo: ática, 2004.

RADFORD, Andrew. **Syntactic Theory and the structure of English. A Minimalist Approach**. United Kingdom, Cambridge, University Press. 1997.

RAPOSO, Eduardo. **Teoria da gramática: a faculdade da linguagem**. Lisboa: Caminho, 1992.

RIBEIRO, Ilza M^a. Um estudo da ênclise nas estruturas completivas do português arcaico. In: **Boletim da ABRALIN**, n. 14, p. 369-380, 1993.

RIBEIRO, Ilza.M^a. **O efeito V2 no português arcaico**. Tese de Doutorado. UNICAMP. 1995.

RIBEIRO, Ilza M.^a de **O. Focalização e clivagem. Estudo das suas realizações estruturais na história do português**. 2003. 26f. Projeto de pesquisa encaminhada ao CNPq.

RIBEIRO, Ilza M.^a. Competência gramatical e discurso: algumas reflexões. In: **DISCURSO EM ANÁLISE**, 3., Salvador, 2005.

SILVA, Maria C. F. **A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitas**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (org.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 69 –107.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. Tradução Rodolfo Ilari.; Revisão técnica Ingedore Villaça Koch, Thaís Creistófaro Silva. São Paulo: Contexto, 2004.

Wikipédia: banco de dados. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cani%C3%A7al>> Acesso em 10 set 2006.

Wikipédia: banco de dados. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Monsanto_%28Idanha-a-nova%29>. Acesso em 10 set 2006.

Wikipédia: banco de dados. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/CastelodeNisa>>. Acesso em 08 out 2006.

Wikipédia:banco de dados. Disponível em: < [http:// pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal](http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal)>. Acesso em 09 set 2006.

Zubizarreta, M. L. *Prosody, Focus and Word Order*. London: MIT, 1998. Resenha de KATO, M. A. Kato. *Prosody, Focus and Word Order*. **DELTA**, p. 155-174.